



atos

do conselho geral

ano LXXVIII outubro – dezembro 1997

nº 361

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 361
ano LXXVIII
outubro-dezembro
1997

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI «Por vós estudo...» (C 14). A preparação adequada dos irmãos e a qualidade do nosso trabalho educativo	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Antonio MARTINELLI Uma expressiva presença salesiana: o Boletim Salesiano (BS) 2.2 P. Giovanni MAZZALI Pobres e solidários	46 55
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 O Vigário do Reitor-Mor Os Capítulos Inspetoriais 1998	59
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 Crônica do Conselho Geral	64 67
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Artêmides Zatti 5.2 Aprovação do Regulamento renovado da ADMA 5.3 Novos Inspetores 5.4 Novo Bispo Salesiano 5.5 Irmãos falecidos	72 75 76 78 79

Tradução: P. José Antenor Velho



Editora Salesiana
DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441
CEP 03105-020 - São Paulo - SP
Fone: (011) 277-3211 - Fax: (011) 279-0329
Telex: (011) 32 431 ESPS BR
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br
Home page: <http://www.salesianos.org.br>

**«POR VÓS ESTUDO...» (C 14)
A PREPARAÇÃO ADEQUADA DOS IRMÃOS
E A QUALIDADE DO NOSSO TRABALHO
EDUCATIVO**

1. Um tema que retorna. 2. «Por vós estudo»: elemento indispensável à missão juvenil. 3. Por que uma nova insistência hoje. Uma vida consagrada inculturada e profética; A nova evangelização; A significatividade da missão educativa; O papel dos salesianos nas comunidades educativas e pastorais; A expansão da demanda de pessoal qualificado. 4. Prioridade à qualificação dos irmãos. 5. O principal investimento hoje. 6. Algumas opções para investir na qualidade. 7. As pessoas. Uma palavra a cada irmão: “Attende tibi”; Uma instrução às comunidades: cuidar da qualidade da vida e do trabalho; Uma orientação às Inspetorias: criar um plano de qualificação dos irmãos; Ponto de partida: a dimensão cultural na formação inicial. 8. As estruturas. A Universidade Pontifícia Salesiana; Outras Universidades salesianas; Centros salesianos de estudo e de reflexão. 9. Conclusão.

Roma, 15 de setembro de 1997
Memória de Nossa Senhora das Dores

Queridos Irmãos,

Vivemos em agosto passado a XII Jornada Mundial da Juventude, realizada em Paris, com uma imponente participação juvenil. Impressionou-nos a sede de Evangelho que os jovens têm, a atenção que prestaram ao Santo Padre e a todos os que lhes ofereceram um sentido e uma orientação para a vida na comunicação da

Palavra de Deus. Fez-nos pensar no desejo que eles têm de escutar as testemunhas da fé e o seu entusiasmo diante da pessoa de Jesus, apresentado realisticamente como “Caminho, verdade e vida”.

A essa imagem sobrepõe-se em mim a que trago de Cuba, onde estive ultimamente em visita aos nossos irmãos. Vi uma Igreja «sem as possibilidades, hoje comuns, de comunicar-se com o povo, pobre no que se refere ao número de sacerdotes, mas rica de experiências de amor, de serviço, de paciência, de humildade e de perseverança»¹. Nela trabalham os nossos irmãos e irmãs, na serena espera dos próximos desenvolvimentos que se anunciam grávidos de oportunidades.

As duas imagens sugeriram-me apresentar-lhes por extenso um tema já meditado no Conselho Geral e relacionado à programação do sexênio: a nossa preparação para os compromissos que se vão perfilando em todas as partes na nova evangelização dos jovens.

1. Um tema que retorna

Reafirma-se em nós, sempre que *nos confrontamos com a nossa missão*, a convicção da sua validade, emergindo ao mesmo tempo a consciência de que nos devemos tornar mais idôneos a realizá-la conforme todas as nossas possibilidades. As frentes fazem-se sempre mais numerosas, multiplicam-se os pedidos, as urgências tornam-se imperiosas. Gostaríamos de ser mais numerosos para atingir um maior número de jovens; gostaríamos de estar mais preparados para oferecer-lhes, nas diversas condições em que se encontram, a orientação e o apoio de que precisam.

Foi também essa a *experiência* que fiz no primeiro ano e meio de serviço como Reitor-Mor. O contato com as Inspetorias nas diversas partes do mundo fez-me tocar com as mãos a vastidão do campo juvenil, a premência das expectativas, a resposta pronta dos jovens aos nossos esforços, a atualidade do nosso carisma para a sociedade e para a Igreja.

¹ Homilia do Card. Jaime Ortega Alamino, Arcebispo de La Habana, na festividade dos Santos Pedro e Paulo (de uma cópia datilografada)

Admirei a obra incansável das comunidades, muitas vezes numericamente inadequadas, em contextos de avançada fronteira social, educativa e pastoral, ocupadas em atender à missão com projetos corajosos e em animar inúmeras colaborações.

A messe é grande! Maior do que a desproporção quantitativa entre trabalho e braços, impressionam os *desafios* apresentados pela situação atual: propor um sentido de vida, educar a consciência, acompanhar os jovens no caminho da fé, construir amplas solidariedades, lançar-se com eficácia nas pobreza, exprimir com proximidade o Evangelho, fazer com que a Palavra encontre a vida em suas interrogações e possibilidades.

Percebemos que não basta ser mais numerosos ou dispor de meios mais poderosos para incidir mais; é preciso, sobretudo, ser mais discípulos de Cristo, entrar mais profundamente no Evangelho, qualificar a vida das comunidades, centrar melhor, do ponto de vista pastoral, os projetos e intervenções. Com uma palavra que pode parecer “secular”, trata-se do problema da *qualidade*; em linguagem evangélica, é a genuinidade e a força transformadora do fermento.

A *qualidade* emerge como exigência em todos os setores da vida, da cultura e da ação. Fala-se dela em termos de “excelência” a perseguir, de “competência” a cultivar, de “qualidade total” a realizar.

A boa vontade e a disponibilidade generosa são indispensáveis, mas não suficientes, se com elas não se fazem acompanhar os conhecimentos e as técnicas próprias de um campo de ação, a compreensão dos fenômenos culturais que hoje marcam a vida e, para nós, a capacidade de confrontar esses fenômenos com o mistério de Cristo continuamente aprofundado.

O problema não se refere só aos salesianos. É uma situação comum a quem, sem desanimar, deseja viver a atual passagem cultural em que, para ser educadores, pastores ou simples cristãos, deve-se discernir e optar. Algumas expressões já familiares, como pluralismo, sociedade eticamente neutra, secularização, direito à

diferença, liberdade de pensamento e expressão, cultura multimídia, subjetividade, no-lo recordam quase no mesmo ritmo veloz da publicidade.

Trata-se do mesmo desafio que está na base da nova evangelização: a capacidade de viver conscientemente a fé cristã, de testemunhá-la com alegria e também de tomar a palavra nos areópagos modernos e anunciar Jesus Cristo com toda a sua riqueza.

O nosso CG24 sentiu-o como um impulso. Da análise da situação da Congregação, resultou que viver, hoje, com maturidade serena o projeto de vida consagrada salesiana e enfrentar adequadamente as tarefas da nossa missão exige de cada irmão uma maior robustez espiritual², um *salto de qualidade* no que se refere à *preparação* geral e específica de educador-pastor³, *novas competências* culturais, profissionais e pastorais⁴.

Fazendo meu esse filão capitular, insisti no discurso final sobre a prioridade de uma formação que esteja particularmente atenta à dimensão cultural como parte irrenunciável da competência educativa e da espiritualidade do pastor.

Colocamo-lo na programação do sexênio como um dos pontos centrais para os quais devem convergir todos os setores. Pareceu-nos importante manter vivos em cada irmão o propósito e a tensão pelo crescimento na própria vocação, estimular as comunidades a criarem um ambiente que favoreça o amadurecimento de cada um, pedir às Inspetorias que apostem na preparação do pessoal e na qualidade dos projetos educativo-pastorais.

O meu discurso retoma agora o que vinha sendo recomendado sobre a formação permanente completa; mas, particularmente, quer insistir na necessidade de recuperar o amor ao trabalho cultural e a conseqüente capacidade de estudo.

É claro que para nós, como afirma o CG23, renovoamento espiritual, tensão pastoral, preparação cultural e competência educati-

² Cf. CG24, 239

³ Cf. CG24, 242

⁴ Cf. CG24, 242-243; VC 98

va não podem estar separados entre si, devendo o salesiano inserir-se no contexto juvenil com capacidade de diálogo e de proposta⁵. Juntos, eles nos mostram o perfil da nossa santidade e constituem o nosso caminho para ela. Isso quer dizer que a urgência da qualificação legítima e necessária não deve ser confundida com a exagerada busca de eficiência⁶. A nossa esperança está sempre na graça que o Pai efunde com abundância nos corações, na Cruz que é sinal e caminho de salvação e na Palavra que ilumina. O não deixar ociosos os talentos recebidos, porém, faz parte da resposta generosa à vocação, como indivíduos e como Congregação.

2. “Por vós estudo”: elemento indispensável à missão juvenil

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* recomenda a todos os religiosos, como parte integrante da experiência de vida no Espírito e condição da eficácia apostólica, um renovado amor pelo empenho cultural e dedicação ao estudo. Trata-se de aplicar a totalidade do ser e acolher o mistério de Deus e de ler, com inteligência e objetividade, à luz da fé, os seus sinais na natureza e a sua presença na história humana.

O texto foi muito citado, mas convém ouvi-lo de novo: «Para além do serviço prestado aos outros, também no interior da vida consagrada há necessidade de um *renovado amor pelo empenho cultural*, de dedicação ao estudo como meio para a formação integral e como percurso ascético, extraordinariamente atual, frente à diversidade das culturas. A diminuição do empenho pelo estudo pode ter pesadas conseqüências mesmo no apostolado, gerando um sentido de marginalização e de inferioridade ou favorecendo superficialidade e imprudência nas iniciativas»⁷.

A recomendação não faz outra coisa que retomar a tradição dos

⁵ Cf. CG23, 225

⁶ Cf. VC 38

⁷ VC 98

Institutos de vida consagrada, cujas comunidades sempre se constituíram como proposta de vida espiritual, humanamente cheia de significado, e também como lugares de educação e cultura segundo os próprios carismas. A experiência de Deus foi sempre pensada como sabedoria que ilumina a vida de cada um e da humanidade, não só com o exemplo moral, mas também com um olhar sobre o mundo, um pensamento e uma palavra ainda que simples.

Pode parecer a alguém que o tema não se espose facilmente com a operosidade incansável e a prontidão de iniciativa que caracterizam o nosso espírito; tema um tanto novo em relação a uma certa imagem de salesiano e de comunidade sempre disponíveis, constantemente às voltas com novos projetos. Trata-se, entretanto, de um traço característico da figura de Dom Bosco, que impulsionado pelo *Da mihi animas* oferece a vida no serviço aos jovens, à Igreja, à sociedade, mas demonstra-se atento à situação juvenil, social e eclesial do seu tempo, aberto a horizontes sempre mais amplos, capaz de perceber o peso dos fenômenos que influem na vida individual e coletiva (imprensa, emigração, novas leis, difusão da cultura, *risorgimento* e unificação da Itália etc.).

Há um artigo, no capítulo constitucional sobre o espírito salesiano, que caracteriza o tipo da nossa caridade pastoral. «Nossa vocação – diz – é marcada por um dom especial de Deus, a predileção pelos jovens... Pelo bem deles oferecemos generosamente tempo, dotes pessoais e saúde»⁸. A afirmação é logo iluminada com uma expressão de Dom Bosco: «*Por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida*»⁹.

O crescendo dos verbos e das ações acentua a totalidade da vida colocada à disposição dos jovens. É evidente, porém, que o estudo não caiu por acaso na sucessão de expressões. Uma série de elementos biográficos de nosso Pai leva-nos a dar um valor específico ao estudo: o relevo que o amor ao estudo teve em sua formação coroada com os três anos do *Convitto* após a ordenação

⁸ Const. 14

⁹ Ib.

sacerdotal para um conhecimento mais atualizado da moral e da direção das almas; o espaço que o estudo tem em seu programa educativo, estando sempre presente em suas formulações sintéticas (“santidade, estudo, piedade”); a sua idéia de educador e de sacerdote, que sempre une à amabilidade a capacidade de iluminar, ensinar e guiar; os freqüentes acenos à sabedoria em suas máximas e ainda o papel iluminante atribuído à fé e à razão.

Dita num contexto de cordialidade e afeto pelos seus jovens, num “intercâmbio de dons”, a expressão refere-se a alguns de seus gostos e atitudes que, sem serem mortificados, convergem na experiência central de sua vida: ser totalmente para os jovens. O estudo, que não deve ser reduzido só “aos estudos”, é, para Dom Bosco, parte indispensável da nossa dedicação aos jovens, da nossa preocupação paterna para entendê-los e comunicar-lhes a fé, os conhecimentos e as experiências de vida.

Alguns fatos revelam o conteúdo real que a expressão teve em sua vida.

Pensem em sua capacidade de contemplar a realidade, a juvenil em primeiro lugar, mas também as vicissitudes da Igreja e a situação do País, sem perturbar-se nem deixar-se condicionar, atento à avaliação de conjunto com chaves de leitura educativas e pastorais próprias de sua vocação. Pensem em sua audácia em buscar respostas adequadas aos problemas; deixar mensagens compreensíveis, servindo-se de todos os meios à sua disposição; empenhar-se na difusão da história sagrada, da história italiana, da verdade cristã e de uma forma de literatura popular, impondo-se o trabalho de pesquisar, ordenar e redigir.

“*Por vós estudo*”: refere-se ao esforço paciente da elaboração de um “sistema educativo original”, com materiais de sempre, intuições próprias, contribuições de contemporâneos e sínteses originais. Faz pensar também na ativação de um “projeto de obras” correspondente aos tempos. Ele acompanha o funcionamento delas e traça com inteligência e solidez orientações e normas, atento ao estilo que nelas queria inserir e à consecução dos fins. Demons-

tra-se capaz de compartilhar, de confrontar-se, de entrar em diálogo com pessoas das mais diversas experiências e competências, com protagonistas do pensamento, da política, da vida social.

A formulação pensada de uma experiência vivida no Espírito, com caminhos espirituais para jovens e adultos, apresentada à viva voz e colocada por escrito, também comportou a aplicação da mente expressa no “*por vós estudo*”. Era um aprender da vida, um refletir sobre a experiência educativa, um caminhar aberto à revisão, sem contentar-se com aquilo que sempre fez nem cair na repetição. Era o desejo e a aquisição paciente da “sabedoria” (“*Sapientiam dedit illi...*”), indicada no primeiro sonho como característica de sua vida, que se aprende na escola do Bom Pastor e de Maria Mestra, na disponibilidade ao Espírito, na sintonia com a Igreja; e exprime-se no discernimento dos acontecimentos, na avaliação das experiências espirituais diante de Deus, na compreensão das situações e no serviço de orientação e guia dos outros.

“*Por vós estudo*”, faz-nos pensar também num Dom Bosco capaz de buscar tempos e lugares que favoreçam a solidão ativa, o recolhimento e o projeto. São os seus tempos de oração, os exercícios espirituais anuais, algumas pausas que lhe permitem maior concentração, mas também o seu trabalho de escritório de onde provém a abundante correspondência, as concepções de novos projetos e a produção de escritos, tudo mais que insignificante.

Caridade e competência, estudo e trabalho, ação e reflexão fundem-se pela graça de unidade para “o bem” dos jovens¹⁰. Trata-se de uma integração não fácil, ameaçada muitas vezes pela esquizofrenia na práxis ou na mentalidade a que se expõe quem caminha com um estilo de vida e de trabalho em que “não há tempo” para a reflexão ou para o confronto; ele corre o risco de apartar-se da finalidade pastoral, acabando por ter como linha de princípio que não cabe ao salesiano uma atividade ordenada de estudo e aprofundamento.

Diria, portanto, que assim como o nosso trabalho sem oração

¹⁰ Cf. Const. 14

arrisca-se a não ser missão (“trabalho e oração”), também o nosso agir sem “estudo”, sem sabedoria e competência, dificilmente atingirá as metas estabelecidas para o serviço educativo pastoral.

«O estudo e a piedade farão de ti um verdadeiro salesiano», escrevia Dom Bosco a um irmão. A frase foi colocada no início do ‘Motu Proprio’ *Magisterium Vitae*, com que o Papa Paulo VI em 1973, conferiu o título de Universidade Pontifícia ao Pontifício Ateneu Salesiano¹¹, quase a repetir no mais alto nível: “Cultura e espiritualidade farão de ti um autêntico e competente educador pastor dos jovens”. Ambas são, de fato, necessárias para traduzir a caridade pastoral salesiana em experiência de vida e em projetos de missão. Não é, pois, um aspecto marginal, que toca apenas alguns momentos da nossa vida ou interessa a quem está empenhado em algumas fronteiras particulares da missão. Pode assumir formas e expressões diversas, segundo as aptidões e dons pessoais, mas será sempre uma das condições para encarnar o amor pelos jovens, que dá significado a toda a nossa existência.

3. Por que uma nova insistência hoje

Surge, quase espontânea, a pergunta sobre os motivos que levam a retomar esta insistência após os esforços dos anos anteriores e uma avaliação, apesar de tudo, positiva de nossos caminhos formativos.

A revisão feita pelo CG24 levou à constatação de que «a participação dos leigos no espírito e na missão salesiana constitui para as comunidades SDB um desafio ao qual se dará resposta mediante uma *formação* adequada às novas exigências»¹². Quando em seguida motiva-se a conclusão, em relação ao momento que vivemos, afirma-se: «A formação visa tornar as pessoas capazes de viver hoje a experiência da própria vida com maturidade e alegria, de cumprir a missão educativa com competência profissional, de tornar-se educadores-pastores, de ser solidariamente animadores

¹¹ Cf. ACS 272, pp. 72-75

¹² CG24, 138

de numerosas forças apostólicas»¹³.

É evidente, portanto, que o novo nível de formação não é motivado por limites ou ausências, mas pelo atual significado da nossa presença de consagrados na sociedade, pelo modo como está se configurando a missão educativa e pastoral e pelos serviços que nos são pedidos nas comunidades educativas.

Detenhamo-nos em comentar brevemente cada um desses motivos.

Uma vida consagrada inculturada e profética

Percebia-se, nas respostas recebidas durante a preparação do Sínodo que, para muitos «a vida consagrada é apreciada pela sua ação, mas com freqüência ela não é entendida no seu ser; muitas vezes ela é louvada pelo seu empenho no mundo, mas em determinados ambientes, como facilmente acontece através dos meios de comunicação, a sua imagem é deformada, a ponto de torná-la, aos olhos da gente, uma realidade sem sentido»¹⁴.

Lá onde a secularização penetrou na vida pública e privada, não está tanto em questão a sua utilidade, sobretudo em certas áreas de serviço (somos apreciados como educadores!), quanto o seu significado, a legibilidade do testemunho que dá de Deus, a capacidade de comunicar a mensagem que entende passar.

De outro lado, «o estilo de vida evangélico é uma fonte importante para a proposta de um novo modelo cultural. Quantos fundadores e fundadoras, tendo individualizado algumas exigências do seu tempo, procuraram, com todas as limitações por eles mesmos reconhecidas, dar-lhes remédio com uma resposta que se tornou proposta cultural inovadora... O modo de pensar e agir de quem segue Cristo mais de perto dá origem a *uma verdadeira e própria cultura de referência*»¹⁵.

Estar consciente e testemunhar o valor e o sentido da presença

¹³ Ib.

¹⁴ *Instrumentum laboris*, 15

¹⁵ VC 80

de Deus na vida, num contexto cultural que não vai além do horizonte temporal e privilegia a funcionalidade e a utilidade imediata, implica uma profunda compreensão da própria identidade consagrada e do seu valor educativo, assim como uma renovada capacidade de inserir-se no ambiente como profecia e fermento.

Contudo, justamente por isso, precisamos estar conscientes, pessoal e comunitariamente, através do discernimento, da criatividade e da coerência, como, quando e onde aplicar alguns critérios que levem a uma expressão eficaz da opção feita: tomar do ambiente o que for legítimo, introduzir nele a novidade que vem de Cristo, dar ou tornar a dar significado àquilo que ainda é ambíguo, contestar o que conjura contra a pessoa.

A vida consagrada não pode deixar-se esmagar pela mentalidade “corrente”. Ela exige vigilância, de espírito e de mente em primeiro lugar, e capacidade de interagir e reagir, de propor e desafiar.

A nova evangelização

A “nova evangelização” é a grande tarefa a que desejamos responder e a exigência que nos envolve nesta vigília de final de milênio. Num momento de transformações epocais em que se vão elaborando novas concepções de vida, freqüentemente sem referência a Deus e ao Evangelho, a Igreja quer renovar o encontro entre cultura e Evangelho, despertar o sentido da fé na existência e exprimir o valor da presença cristã na realidade social.

Quem quiser empenhar-se na nova evangelização deve tornar-se capaz de um confronto aberto, inteligente e de propostas em relação aos novos fenômenos, entender as tendências culturais, tentar o anúncio no coração da vida, interpretar as novas linguagens e códigos de significado.

A perspectiva da nova evangelização apresenta um desafio radical ao ser cristão, uma indagação sobre a identidade de crentes, e leva a um diálogo convicto com os demais em clima de liberdade. De outro lado, a nossa mesma fé e as razões da nossa esperança

precisam ser recompreendidas e vividas com fundamento e transparência. *Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre* é uma confissão de fé, não um *slogan*; tem a ver com a salvação de cada um, para que tenha a vida em abundância, e com a salvação do mundo, que se vai construindo, para que os seus projetos não o levem à autodestruição.

O esforço de aproximação e de compreensão do mundo recopia o caminho da encarnação e inspira-se no mesmo amor que orientava o agir de Cristo.

A significatividade da missão educativa

Sentimos de maneira premente a exigência de melhores níveis formativos na área preferida da nossa missão: a *educação*. Devemos, de fato, enfrentar a complexidade e multiplicidade em que os jovens se encontram imersos e os problemas que o ambiente coloca ao crescimento humano e à fé, sabendo ao mesmo tempo fazer frutificar as suas inúmeras possibilidades.

A nossa colocação educativa exige, por isso, uma *aproximação reflexa da cultura* que permita atualizar conteúdos e metodologias para ir ao encontro das questões de sentido e de vida dos jovens¹⁶.

De outra parte, *competências adequadas e reconhecidas* são hoje exigidas também pela diversificação e complexidade das intervenções educativas, que comportam conhecimentos mais completos e práticas mais consolidadas¹⁷. Uma fraca qualidade profissional empobrece a proposta educativa, diminui a incidência do nosso trabalho e, agravando-se, poderia tirar-nos fora do campo da educação. Advertimos esse risco sobretudo em alguns âmbitos onde as novidades aparecem mais evidentes, como a comunicação social, o mundo universitário, as áreas da “insatisfação juvenil”.

Sente-se, também, a urgência nos novos contextos, em que nos estamos inserindo com espírito e critério missionário e que pode-

¹⁶ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 263

¹⁷ *Ib.*

riam parecer mais simples do ponto de vista educativo, de criar programas adequados à situação e *inculturar* a nossa metodologia pedagógica, superando a simples transposição de conteúdos e métodos pensados para outras áreas. Inculturação e qualidade empenham as comunidades educativas locais, os organismos inspetoriais, os Centros de reflexão e estudo. O aumento de competência parece indispensável em todas as frentes¹⁸.

Embora sabendo que, às vezes, devemos responder às urgências com realismo, e que sempre estejamos dispostos a fazê-lo, deve-se afirmar que as nossas possibilidades futuras no campo educativo serão jogadas na qualidade¹⁹. Por isso, se é verdade que às vezes “o ótimo pode ser inimigo do bom” (“melhor um pouco do que nada”), é também verdade que não nos podemos expor a uma forma geral de pastoral e educação que corra o risco de desqualificar-se e não atingir as finalidades do nosso serviço²⁰.

Isso vale também na área *mais estritamente pastoral*. Ela comporta um controle maior dos conhecimentos específicos, adquiridos de forma suficiente, revisitados e ampliados continuamente, e uma realização mais profissional dos compromissos ministeriais. Dirigir consciências, animar cristãmente comunidades, oferecer a Palavra de Deus conforme o que ela diz e as situações humanas que se vivem, iluminar as interrogações éticas, propor o Evangelho, formar à oração e à celebração, orientar à experiência de Deus são coisas que exigem fervor e alma, mas também sabedoria adquirida através da reflexão e do estudo.

Acrescentem-se ainda as *novas dimensões* da pastoral, que se tornaram praticamente universais: ecumenismo, diálogo inter-religioso e com os não crentes, uso da comunicação social que se torna púlpito à mão da maioria, participação no debate público sobre tantas questões.

A pastoral compreende não só a organização e a ação imediata,

¹⁸ Ib.

¹⁹ Ib.

²⁰ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 267

como também a reflexão sobre as opções a fazer como comunidade cristã e as orientações a serem sugeridas a cada um na complexidade da vida e, portanto, a capacidade de discernimento, de iluminação, de anúncio.

Parece, pois, indispensável uma formação cultural e profissional sólida, como componente da espiritualidade. O Sínodo sobre a formação sacerdotal insistiu com vigor nesse ponto, além daquilo que foi apresentado acima sobre a vida consagrada²¹. É o caso de ouvir de novo alguma expressão da *Pastores dabo vobis*, porque nos assegura que estamos realmente na onda da Igreja. «Se já cada cristão – escrevem os Padres sinodais – deve estar pronto a defender a fé e a “dar a razão da esperança que vive em nós” (cf. *1Pd* 3, 15), com muito maior razão os candidatos ao sacerdócio e os presbíteros devem manifestar um diligente cuidado pelo valor da formação intelectual na educação e na atividade pastoral, dado que, para a salvação dos irmãos e irmãs, devem procurar um conhecimento cada vez mais profundo dos mistérios divinos. Além disso, a situação atual, profundamente marcada pela indiferença religiosa e ao mesmo tempo por uma difusa desconfiança relativamente às reais capacidades da razão para atingir a verdade objetiva e universal, e pelos problemas e questões inéditos provocados pelas descobertas científicas e tecnológicas, exige prementemente um nível excelente de formação intelectual, que torne os sacerdotes capazes de anunciar, exatamente num tal contexto, o imutável Evangelho de Cristo, e torná-lo digno de credibilidade diante das legítimas exigências da razão humana»²².

O papel dos salesianos nas comunidades educativas e pastorais

O CG24 sanciona oficialmente a mudança de modelo na forma de agir dos salesianos: da responsabilidade exclusiva da comunidade religiosa à de uma comunidade eclesial co-responsável, onde

²¹ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 292; VC 98; ChL 58

²² PDV 51, que retoma a *Propositio* 26 dos Padres sinodais

intervêm consagrados e seculares, presbíteros e leigos, católicos e membros de outras confissões, crentes conscientes e outros em caminho, cristãos e não. Se esse modelo podia ser pensado antes como opcional ou alternativo, hoje é claro que ele constitui a nossa forma normal de presença e de ação. Devemos aprender a fazê-lo funcionar segundo o que foi enunciado ou quem sabe sonhado.

Exigências de qualificação provêm, então, do papel a que são destinados os salesianos nesse novo modelo operativo: o de orientadores pastorais, primeiros responsáveis da identidade salesiana das iniciativas e das obras, animadores de outros educadores (“núcleo que arrasta”), formadores de adultos co-responsáveis no trabalho educativo; numa palavra, salesianos capazes de levar avante uma missão ao lado de leigos competentes.

Prevê-se um aumento de responsabilidade para todos. E não é difícil prognosticar que a incidência do esforço de animação dependerá em grande parte da formação espiritual, da visão cultural e da preparação profissional dos salesianos.

Eles não só deverão possuir um conhecimento maior, teórico e prático, dos problemas juvenis e da educação. Deverão desenvolver também a capacidade de interagir com os adultos, além da simples amizade, quanto aos problemas de vida e de fé, de comunicar e orientar, de propor autorizadamente metas e itinerários educativos. Isso exigirá ainda a vivência mais convicta do espírito salesiano, o conhecimento reflexo e orgânico do Sistema Preventivo e uma maior consciência da própria identidade²³.

Tornar-se e permanecer capazes de animar um ambiente educativo amplo, de acompanhar com outros educadores processos de amadurecimento e crescimento, de orientar as pessoas, de interagir no contexto social comporta ter sempre atualizadas as competências e reservar-se tempo para reeditar propostas e métodos.

A aplicação dos irmãos e das comunidades a essa forma de autêntico serviço da Palavra vai-se alargando, mas ainda não foi assumida por todos. Ameaça em algum lugar o risco de permanecer-

²³ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 293

mos muito emaranhados na predisposição de estruturas e na organização de meios, descuidando de repensar e aprofundar comunitariamente a mensagem e de traduzi-la em formas adequadas à compreensão dos destinatários²⁴. Em algum caso resulta evidente a disparidade entre equipamentos e projeção cultural, entre instrumentos e incidência evangelizadora, entre edifícios e propostas educativas; a preocupação pela preparação cultural e profissional do pessoal religioso e leigo parece não ter prioridade²⁵ e as finalidades do conjunto ficam como que anuladas pelo peso das mediações. E será, talvez, a falta de competência no trabalho de animação e de orientação a causa dessa disparidade.

A expansão da demanda de pessoal qualificado

Enquanto os assim chamados campos tradicionais (oratórios, escolas, paróquias...) exigem capacidade de pensamento e reflexão, além de espírito empreendedor inteligente, por causa da mudança cultural e da complexidade das questões que cada pessoa e comunidade deve enfrentar, vemos que para o crescimento de algumas presenças alarga-se a exigência regular de pessoal preparado. Quando examinamos os pedidos e as disponibilidades vemos em déficit, já em nível de simples números, sem considerar ainda outros elementos que limitarão o serviço das pessoas, como idade, saúde, compromissos aos quais não podem renunciar.

Pensem nos centros de estudos teológicos, onde qualquer economia indevida terá o seu contragolpe no futuro, ou nos centros de estudos do pós-noviciado com exigências idênticas. Coloquemos no mesmo nível as comunidades formadoras, sempre necessitadas de especialistas em processos vocacionais, formação salesiana e espiritualidade.

Acrescento numa lista rápida as já numerosas instituições universitárias, os centros editoriais nos quais não basta administrar a

²⁴ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 266

²⁵ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 269. 259. 261

estrutura se não se dispuser de pessoas capazes de elaborar linhas culturais, os vários Institutos criados nos últimos anos como resposta a solicitações e necessidades da Congregação, as contribuições de competência que nos são requeridas por diversas instâncias, em consideração à experiência adquirida e à reconhecida capacidade de inserção popular.

4. Prioridade à qualificação dos irmãos

Eu concluía com as seguintes afirmações a parte dedicada à “Preparação dos irmãos”, na Relação sobre o Estado da Congregação: «O estado de nossos recursos, a dimensão de nossos compromissos e o crescimento do mundo pedem-nos em todos os lugares um passo à frente na preparação cultural e na robustez dos irmãos e das comunidades. A perspectiva é, pois, de consolidar..., providenciar um tempo extraordinário para requalificar o pessoal, particularmente o pessoal dirigente, orientar para especializações o maior número possível de irmãos, melhorar, de acordo com a experiência feita, a práxis da formação inicial»²⁶.

Era uma avaliação que eu sentia empenhativa, suscetível de interpretações nem sempre compreendidas, mas amadurecida sofridamente na oração. Surgia, de fato, como uma orientação de conseqüências fundamentais para o sexênio.

Hoje estou convencido de que devemos apostar nesse investimento prioritário e traduzi-lo em alguns esforços concretos, assumindo também as suas conseqüências aparentemente limitadoras. Impõe-se *uma opção consciente da Congregação e das Inspetorias*, que torne possível *um salto de qualidade* na forma de vida de cada irmão, na mentalidade e na práxis das comunidades e, como conseqüência, uma forma de orientar os objetivos inspetoriais. Não se trata de um leve retoque, mas de algo mais radical, embora não totalmente novo porque em muitas partes já se adentrou por esse caminho.

Sei que não é fácil viver em nível pessoal e traduzir em ação de

²⁶ Cf. *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 294

governo o equilíbrio salesiano entre o «por vós estudo» e o «por vós trabalho», entre caridade e busca de qualidade pedagógica e pastoral. As urgências da missão, a escassez de pessoal, as novas oportunidades que nos são oferecidas, o multiplicar-se de projetos, elementos constantes na experiência salesiana e fruto positivo do *Da mihni animas*, levam-nos à audácia. E isso não deverá deixar de existir. Cuide-se, porém, que o trabalho não leve ao esgotamento, à repetitividade, à estagnação cultural, à dispersão mental, à improvisação.

Não é a primeira vez na *história da nossa Congregação* que se pensa em opções decisivas para uma mudança de práxis, em vista de exigências sentidas e em previsão de novas florescências, que parecem possíveis só em determinadas condições. Elas acontecem em fases de desenvolvimento necessariamente veloz e, prevenindo o esgotamento, preparam outras igualmente fecundas.

Quero recordar três intervenções, feitas em momentos históricos diversos, mas que no conjunto evidenciam a nossa mesma preocupação de hoje. As três estabelecem um critério e uma linha de ação para garantir a preparação dos irmãos e a qualidade na realização da missão educativa.

O *Padre Rua*, nos anos 1905-1906, propõe-se organizar e garantir a regularidade dos estudos dos jovens irmãos. São muitas as frentes de trabalho; o pessoal, embora em aumento, não é suficiente; os critérios do seu emprego nas obras remontam ao Fundador, mas a expansão da Congregação, como também as exigências da Igreja, tornam evidente a necessidade de uma mudança. Corre-se de fato o risco de sacrificar a formação às urgências das obras, abreviando o curso filosófico e o teológico.

É necessário, escreve o Padre Rua, «que regularizemos sempre mais as nossas coisas e que, para isso, coloquemos acima de qualquer aspiração, embora nobilíssima, a formação intelectual e moral dos nossos clérigos». Na prática, continua o Padre Rua, totalmente consciente das dificuldades que a opção causará, «propõem-se duas coisas:

- 1º Não propor ao Capítulo Superior, pelo menos por um quinquênio, a abertura de novas casas ou fundações, nem a ampliação das já existentes. Não podemos: eis tudo.
- 2º Passar atentamente em revista cada uma de vossas Casas e, vendo se e quais podem ser suprimidas para melhor regularizar as que ficarem na Inspetoria, fazer uma proposta a respeito ao Capítulo Superior. A nossa preocupação não deve ser o seu número, mas o seu funcionamento reto e regular»²⁷. Ele retorna decididamente sobre a norma dada em uma carta de 1906.

Em 1928, intervém o *Padre Rinaldi*. As vocações aumentam de modo consolador (perto de 1.000 noviços); as obras salesianas, especialmente as missões, desenvolvem-se num ritmo impressionante e se está constantemente diante de novos pedidos; os Inspectores não dispõem de pessoal para tantas obras e não poucas vezes se sacrificam os estudos, e com eles a formação dos jovens irmãos.

Diante da situação, consciente de que a missão não pode ser realizada sem a devida preparação, o Padre Rinaldi escreve nos Atos do Capítulo Superior de setembro de 1928: «Decidi, por isso, com a total aprovação do Capítulo Superior, que, durante o quadriênio 1929-1930-1931 e 1932, não se aceitem mais novas fundações nem de casas, nem de missões. A trégua, bem entendida pelos Inspectores e pelos Diretores, será um bem para as Inspetorias; trará tranqüilidade às Casas e tranqüilidade a todos os Irmãos; marcará um verdadeiro progresso para a nossa Sociedade, em vez de uma parada danosa, porque servirá para cultivar melhor as vocações e preparar a Congregação a desenvolver-se de modo mais sólido no futuro»²⁸.

Completo a referência à nossa história, trazendo algumas expressões escritas pelo *Padre Ricceri* em 1966 na apresentação oficial dos documentos do CG19. Compreende-se facilmente o seu contexto. Apenas concluído o Concílio Vaticano II, estava-se nos

²⁷ *Lettere circolari di don Rua ai Salesiani*, pp. 400-402: carta de 22.11.1905 em "Formazione intellettuale e morale dei chierici"

²⁸ ACS setembro de 1928, p. 693

inícios da descoberta de novos horizontes e exigências pastorais, determinados pela estimulante visão da Igreja, da sua missão, da sua relação com o mundo. «Relacionada a essa exigência formativa – escreve o Padre Ricceri – há uma outra não menos importante, da qualificação de cada Irmão para as várias tarefas para as quais será chamado pela obediência. A sociedade recusa-se a inserir hoje em suas estruturas os genéricos, os homens sem especialização cultural, técnica, profissional... As pessoas, a Igreja, primeira entre todos, tem-nos por autênticos especialistas de pedagogia e de apostolado... Devemos o mais possível, responder a essa expectativa. ... Já não basta uma certa prática... Cada manifestação de nossa atividade está reclamando gente qualificada... Não se diz aqui para fazer coleção de títulos acadêmicos, de altas especializações, muito menos deseja-se encorajar uma corrida egoísta ou ambiciosa aos estudos para satisfação própria, mas estéril para o apostolado; pede-se apenas uma preparação verdadeiramente adequada para trabalhar com fruto em algum dos inumeráveis campos de ação aos quais a Providência nos chama. Entrevêem-se logo quais e quantas conseqüências provêm destas orientações para Superiores e Irmãos»²⁹. «Será preciso fazer mais – escreve alguns meses depois nos Atos do Conselho – para dar a todas as atividades dos salesianos a qualificação que não é um luxo, mas uma necessidade sempre mais evidente, caso se deseje responder às exigências irrenunciáveis da nossa missão»³⁰.

O período imediatamente anterior ao nosso, de outra parte, orientado pelo *Padre Egídio Viganò*, sublinhou a mesma emergência e deu passos eficazes para resolvê-la com a reorganização dos processos formativos, reformulados na *Ratio*, com a atualização dos programas de estudo, de acordo com a evolução de quase todos os ramos da teologia e do saber, com o início e a difusão da formação permanente e com a fundação de novos Institutos correspondentes a competências atuais (pastoral, comunicação social).

²⁹ ACS 244, janeiro de 1966, pp. 4-5

³⁰ ACS 246, setembro de 1966, p. 13

5. O principal investimento hoje

Os momentos históricos aos quais me referi são diversos entre si e do nosso. Não os trouxe para moderar o impulso da missão ou a criatividade apostólica, e menos ainda para tornar a propor materialmente as medidas então indicadas. Os nossos tempos apelam mais à renovação e à organização da vida do que às pausas e às paradas.

As várias intervenções sublinham, porém, a *necessidade de fazer algumas opções, estabelecer algumas prioridades*, enfrentando com visão de futuro a tensão permanente entre as urgências e as exigências da missão, entre a generosidade e a qualidade do serviço. Além disso, faz-nos ver que o crescimento da Congregação é algo contínuo onde às vezes prevalece a expansão, outras vezes é necessário dar importância à consistência e à consolidação que precisam de paixão e podem também provocar entusiasmo. Por último, ensinam-nos que devemos não só administrar bem os recursos herdados, mas que devemos estar atentos em os suscitar, multiplicar e desenvolver.

As situações são múltiplas na Congregação, também da perspectiva que estamos considerando. Existem zonas em expansão e outras em redimensionamento, Inspetorias com idade média inferior a 40 anos e outras com idade média superior aos 60 anos, áreas pastorais complexas e outras mais simples, contextos educativos muito institucionalizados e determinados a partir do exterior e outros em que podemos agir com maior liberdade de iniciativa; Inspetorias consolidadas com comunidades formativas e equipes qualificadas, e outras que estão dando os primeiros passos em alguns desses setores. Para todas, a valorização máxima dos recursos humanos é uma obrigação!

A missão salesiana, como notávamos acima, entrou, em todos os lugares, em fronteiras novas, geográficas ou culturais, e esse movimento não cessará num futuro imediato. Antes, a mundialidade, as urgências pastorais, a possibilidade de presenças influentes em raio amplo modificarão ainda o nosso modo de agir. Uma visão

sábia das coisas leva a prover às necessidades locais, mas também a considerar a contribuição a ser dada a algumas iniciativas que superam os horizontes inspetoriais e exprimem a missão salesiana em nível regional, nacional e internacional.

Por isso tudo a qualificação das pessoas, a consolidação dos centros e das equipes, a promoção de uma certa sensibilidade cultural na Inspeção, não podem ser fruto de breves períodos, limitar-se ao tempo de um sexênio ou fechar-se em cálculos restritos. É indispensável *uma ação continuada de governo e uma visão de clarividência*. O Inspetor que puser em ação um plano de qualificação do pessoal já sabe que não gozará de seus frutos durante o seu período. Seria porém triste dispersar o “capital” de competências acumulado com sacrifício porque não se valoriza o investimento feito anteriormente ou não se lhe dá continuidade.

Durante a elaboração da programação para o sexênio o Conselho Geral perguntou-se como organizar a ação na Congregação, que torne real o investimento prioritário pela formação; como orientar um processo que recupere o valor da nossa consagração religiosa na missão educativa e nos torne portadores de uma espiritualidade vivida e comunicada; como habilitar-nos a oferecer uma proposta educativa que corresponda em estilo e conteúdos ao Sistema Preventivo inculturado no hoje; como qualificar o caminho de educação na fé e favorecer uma comunicação que torne eficaz o nosso anúncio em clima de nova evangelização.

Emergiu como *critério fundamental a potenciação da “qualidade” do salesiano, da comunidade e da missão*. É uma atenção que deverá ser assumida de forma convergente pelos diversos níveis de governo. Dela dependem em grande parte as relações entre SDB e leigos, a significatividade da experiência religiosa, a incidência da comunidade SDB como núcleo animador. Condensamos esse empenho na expressão “*governar formando*”. Conscientes de que o governo compreende outros aspectos específicos que não devem ser descuidados, consideramos o esforço da formação-qualificação dos irmãos e particularmente dos responsáveis nos diversos campos de

ação um *caminho privilegiado de orientação e animação* porque multiplica os resultados e cria unidade.

6. Algumas opções concretas para investir na qualidade

Especifiquei no discurso conclusivo do CG24 a dimensão concreta do investimento preferencial para a formação. «Investir quer dizer estabelecer e manter prioridades, garantir condições, operar segundo um programa que coloque em primeiro lugar as pessoas, as comunidades, a missão. Investir em tempo, em pessoal, em iniciativas, em recursos econômicos para a formação é tarefa e interesse de todos»³¹.

Proponho-lhes agora alguns esforços a serem privilegiados. Refiro-me sucessivamente à área das *pessoas* e a das *estruturas* (obras), partindo de algumas constatações já comuns e compartilhadas.

A primeira: os irmãos são o principal recurso da Congregação. Condição indispensável para a significatividade da missão é, pois, a preparação deles. Alguns aspectos «acham-se mais expostos em nossa vida ao desgaste ou à esclerose, e exigem atenção especial. A cultura evolui rapidamente, difundem-se os conhecimentos, as informações chegam com extraordinária velocidade, ao passo que a mentalidade relativa aos valores e às concepções da vida levantam sempre novas interrogações. A cultural, é uma dimensão que requer esforço paciente e contínuo»³².

Uma segunda constatação: as iniciativas extraordinárias serviriam pouco se, ao mesmo tempo, não se cuidasse da qualidade da vida cotidiana e da continuidade do trabalho. Pouca incidência teriam as oportunidades oferecidas a cada pessoa, se não se desse importância ao estilo de vida comunitária e ao modo de levar avante o trabalho apostólico.

Conseqüentemente, o olhar deve dirigir-se às pessoas e às estruturas; o convite a tornar-se responsável pela qualidade deve ser

³¹ CG24, 248

³² CG24, 242

endereçado ao mesmo tempo a cada irmão, a cada comunidade e a cada Inspetoria.

7. As pessoas

*Uma palavra a cada irmão: “Attende tibi”*³³

A *mística do trabalho* aparece como uma característica nossa; admira-se um pouco em todos os lugares a nossa disponibilidade e audácia. Devemos agradecer ao Senhor por essa capacidade de entrega total, que o Espírito formou em Dom Bosco e que vemos todos os dias em tantos irmãos. Ela não é impedimento ao crescimento, antes, é um dos caminhos fecundos em nossa espiritualidade. Exige, porém, adequações que marcam hoje o trabalho, no qual a qualidade manual e o esforço físico são um aspecto menor. Às vezes o estilo de vida que assumimos e o ritmo de movimento podem desgastar a nossa experiência espiritual, desfocar a nossa imagem diante de jovens e adultos, minar a nossa capacidade de influir, por causa da dispersão e multiplicidade.

Admiramos em nosso Fundador a harmonia constante entre dedicação e profundidade, entre iniciativas múltiplas e unidade de vida. Dom Bosco consumiu-se fisicamente, mas cultivou o olhar de sabedoria, a inteligência das coisas à luz do Espírito, a união com Deus, que deram à sua experiência pessoal um perfil original – chamamo-lo *santidade salesiana*.

Pensando na diversidade de situações e condições de vida de cada um e evocando algumas afirmações de *Vita Consecrata* sobre o significado e o valor da nossa vocação, ousou dirigir algumas perguntas de reflexão: *Concedemo-nos um tempo para retomar com maior profundidade a nossa vida no Espírito?* Alimentamos o gosto de um maior conhecimento do que se refere ao mistério cristão e às questões que se referem ao homem? Quanto ao enriquecimento cultural, no sentido dado nestas páginas, qual é o nosso programa em termos de áreas, objetivos e tempo? Como realiza-se em nós o

³³ Cf. *1Tm* 4,16

por vós estudo de Dom Bosco?

Pode existir o perigo que se forme um certo hábito segundo o qual trabalho e reflexão parecem colocar-se em concorrência, especialmente quando o ritmo premente leva ao imediato e parece não deixar espaço para outra coisa. Pode abrir caminho a convicção de que a cultura pessoal como reflexão sobre a realidade à luz da fé tenha pouco a ver com o trabalho caridoso em favor dos jovens pobres.

Quando o CG23 afirma que a interioridade apostólica é ao mesmo tempo caridade pastoral e capacidade pedagógica, convida-nos justamente a unir criatividade e competência, ação e reflexão como necessários, ambos, na vida salesiana.

A nossa Regra de vida, em rápida sucessão, acumula uma série de indicações das quais é preciso perceber a única intenção. Ela fala de um salesiano que procura «responder às exigências sempre novas da condição juvenil e popular»³⁴, habilita-se «a desenvolver com maior competência o seu trabalho»³⁵; cultiva «a capacidade de aprender da vida», especialmente no relacionamento com os jovens e os ambientes populares e valoriza a eficácia formativa das diversas situações e propostas³⁶. «Mediante iniciativas pessoais e comunitárias» cultiva a vida salesiana, provê à própria atualização teológica, mantém a competência profissional e a criatividade pastoral³⁷. «Cada irmão, dizem os Regulamentos, melhore a capacidade de comunicação e diálogo; forme uma mentalidade aberta e crítica e desenvolva o espírito de iniciativa para renovar oportunamente o próprio projeto de vida. Cada um cultive o hábito da leitura e do estudo das ciências necessárias à missão»³⁸; «procure com os superiores o campo de qualificação... conserve a disponibilidade característica do nosso espírito e esteja disposto a requalificações

³⁴ Const. 118

³⁵ Const. 119

³⁶ Cf. *ib.*

³⁷ Cf. Const. 118

³⁸ Reg. 99

periódicas»³⁹. É quanto basta para dizer que existe um dom a ser cultivado com paciência a fim de poder dá-lo sempre fresco e em plenitude. E nisso funciona sempre o programa ascético: *trabalho e temperança*, que comporta medir-se sobre o menos importante e até mesmo inútil e dispersivo e entregar-se com ardor ao essencial.

Multiplicaram-se nestes anos as *iniciativas* de qualificação, requalificação e atualização. Existem em não poucas Inspetorias propostas bem articuladas e orgânicas. Cabe a cada um tirar delas o máximo proveito.

Mas é preciso, também, um *empenho cotidiano pessoal*. A mentalidade comum, os jornais, os modelos da publicidade constituem quase uma escola que nos comunica uma cultura estranha e muitas vezes contrária à nossa “cultura de referência”. Se não freqüentamos uma escola alternativa (meditação, revisão de vida, leituras, informações, estudo, partilha, discernimento etc.) seremos insensivelmente orientados a uma visão da vida, a um projeto de existência que não se encaixam mais naquilo que professamos. Haverá sempre que se perguntar quais os canais que nutrem o nosso pensamento e a nossa sensibilidade, como construímos e iluminamos em nós a relação fé-cultura, sentido pastoral-questões emergentes.

Concedamo-nos um tempo para *cultivar o nosso projeto de vida*, para degustar a nossa experiência de consagrados, verificar o nosso caminho de crescimento, prevenir o cansaço e dominar a fadiga, testemunhar e compartilhar a fonte profunda do nosso agir.

Concedamo-nos um tempo para “*habilitar-nos a desenvolver com maior competência o nosso trabalho*”, trabalho de educadores, de animadores, de pastores. Acompanhar pessoas, orientar comunidades é um trabalho exigente e não fácil. Existem alguns âmbitos que no atual contexto cultural e religioso revestem uma particular dificuldade e importância, como por exemplo: o campo ético-moral, os problemas da vida, a pedagogia espiritual e sacramental, os temas relativos à relação fé-cultura, a dimensão social e de solidariedade.

³⁹ Reg. 100

O “conceder-se um tempo” será uma *mensagem aos leigos* e um estímulo aos jovens que se sentem chamados à vida salesiana. Hoje, à imagem do religioso trabalhador e empreendedor, socialmente útil, é preciso unir a profecia de quem faz uma experiência pessoal portadora de sentido, guiada pela sabedoria do Evangelho.

***Uma instrução às comunidades:
cuidar da qualidade da vida e do trabalho***

A “qualidade cultural e pastoral” encontra um estímulo, um ambiente e como que uma escola no *estilo de vida da comunidade*. A experiência diz que, depois de algum tempo num determinado tipo de comunidade, crescemos na visão do campo juvenil e dos problemas educativos, na relação com os leigos, na capacidade de participação, no discernimento. Enquanto que, em outras, somos tentados mais à dispersão, vivemos mais “às pressas”, com o timbre da emergência, habituamo-nos a uma forma excessivamente individualista, cedemos ao hábito, isolamo-nos mentalmente.

Torna-se determinante, então, a organização da vida e do trabalho na comunidade local. E como hoje vivemos em comunicação de respiro amplo, também na inspetorial⁴⁰. Não são indiferentes - em ambas - o nível de interesse, a qualidade da informação, a comunicação de experiências, o tipo de relação com os jovens, com os leigos, com o contexto do território.

Nossas comunidades passaram por mudanças em sua composição e em sua vida. Modificaram-se as relações com a obra educativa e as tarefas nela atribuídas aos irmãos, o relacionamento com o ambiente externo social e eclesial, o modelo operativo para realizar a missão. De outro lado, a insistência dos últimos anos trouxe resultados positivos quanto à recepção das novas exigências; multiplicaram-se os momentos de intercâmbio e o processo que favorecem a reflexão, a participação, o discernimento, a oração, o trabalho “em comum”.

⁴⁰ Cf. CG24, 242

Hoje parece-nos claro que, desejando-se evitar o estresse, o ativismo, a superficialidade, seja necessário organizar *um ritmo cotidiano e semanal* que favoreça a recuperação das forças e o relançamento da qualidade de vida, também no aspecto cultural, criando condições para oferecer aos irmãos um conteúdo atualizado de reflexão⁴¹. A qualidade da vida e do trabalho encontram apoio e alimento na *programação anual* que pode pensar em ofertas particulares para a qualificação de cada um e da comunidade.

Foram pensados nessa linha o dia da comunidade, válido instrumento de crescimento comum, os momentos de reuniões dos Conselhos e das equipes, a participação da comunidade em experiências formativas com os colaboradores leigos e com outros círculos de pessoas (âmbito eclesial, da vida religiosa, educativo), a elaboração e revisão do PEPS a ser valorizado como momento formativo.

O diretor, oportunamente preparado e apoiado pelo Conselho e pelos irmãos, é chamado a favorecer um ambiente e uma forma de relações internas e externas, que “qualifiquem” os irmãos. Cabe-lhe em primeiro lugar fazer circular e valorizar alguns estímulos privilegiados, como as orientações dos Pastores da Igreja, especialmente do Papa, os documentos dos Capítulos, as cartas do Reitor-Mor; e também aproveitar com inteligência outras ocasiões mais simples como as “boas-noites”, a leitura espiritual, a informação salesiana e eclesial.

Ambiente indispensável para toda comunidade local, é a *biblioteca* e a correspondente sala de leitura. O cuidado com ela e o material que nela se expõe são indicativos: a biblioteca tem uma utilidade real e, como no caso da capela, também um valor simbólico no conjunto da casa.

Mudou o uso comunitário que se faz dela. Multiplicaram-se de fato os canais pessoais de leitura (livros, revistas, CD, internet). A sua função, contudo, ainda é atual e necessária para oferecer, também aos leigos colaboradores e aos externos, o nosso patrimônio específico de história, pedagogia e espiritualidade, assim como o

⁴¹ Cf. CG24, 242, 237

pensamento fundamental da Igreja e os “grandes livros” da reflexão cristã. Com as devidas proporções, não deveria faltar nem mesmo nas residências missionárias, em que se deve poder contar com um suficiente apoio para a atualização pastoral e recolher aquilo que serve para um bom conhecimento da cultura local.

Seja encorajada, também, a iniciativa de ter na Inspetoria uma ou algumas bibliotecas, o mais completas possível sobre o carisma e a obra salesiana, em nível mundial e local, e os escritos que possam dar uma idéia do contexto social e político em que nasceram e se desenvolveram as obras da Inspetoria⁴².

Uma orientação às Inspetorias: criar um “plano” para a qualificação dos irmãos

A qualificação do pessoal deve constituir neste período um empenho prioritário de governo: procuramos governar formando aqueles que animam e dirigem, orientamos preparando melhor os agentes nos diversos setores.

Uma indicação nessa direção vem-nos de todas as organizações. A qualificação dos quadros dirigentes, dos responsáveis intermédios e a dos próprios operários está sempre sob a atenção dos dirigentes. Em nosso caso, acrescenta-se à responsabilidade pessoal e comunitária acima evidenciada também *uma ação inspetorial programada e constante*.

Já demos alguns passos nesse sentido. Cito, como exemplo, a preparação e o acompanhamento dos diretores. Algumas Inspetorias estabeleceram encontros das equipes inspetoriais com um momento formativo programado no início do ano pelo Conselho Inspetorial; realizam a semana de reflexão espiritual ou pastoral, oferecida a todos os irmãos, segundo um programa plurianual. Outras prepararam um plano de qualificação dos quadros dirigentes e empenharam-se, muitas vezes com esforço econômico e de pes-

⁴² Não me delongo sobre outros bens culturais, sobre os quais ultimamente a Pontifícia Comissão dos bens culturais da Igreja deu algumas instruções.

soal em oferecer todos os anos a alguns irmãos a possibilidade de se especializarem. Há, ainda, aquelas que, com sacrifício, fornecem pessoal preparado para algum centro de estudo. E outras que, reconhecendo a impossibilidade de fazê-lo sozinhas, estabeleceram acordos de colaboração em nível interinspetorial, contribuindo com irmãos qualificados.

Trata-se de uma amostragem que demonstra a urgência percebida e em parte assumida. O panorama da Congregação é muito rico e variado e, conseqüentemente, apresenta também algumas zonas de sombra. É o caso, portanto, de propor a todos uma ação inspetorial mais decidida e orgânica.

Traduzir essa ação em medidas concretas implica, entre outras coisas:

– Fazer um *elenco completo das qualificações, ainda que parciais*, de todos os irmãos, em vista da sua maior valorização. Acontece com freqüência que competências adquiridas em anos de estudo não sejam colocadas a frutificar de forma continuada ou comunitária; o mesmo se deverá fazer em nível de Congregação, recordando que já o CGE convidava a programar intercâmbios de pessoal entre os centros de estudo⁴³.

– *Individualizar as áreas em que a preparação cultural e a competência profissional parecem ser mais urgentes* segundo o próprio contexto, o estado do pessoal e a colocação pastoral e educativa da Congregação em perspectiva de presente e de futuro;

– *Qualificar o maior número possível de irmãos* para os diversos campos e dimensões da missão salesiana, sobretudo as consideradas mais significativas hoje⁴⁴. Isso é recomendado a todas as Inspetorias, mas particularmente àquelas que têm um número consistente de vocações. Elas devem qualificar os irmãos, não só em função das necessidades imediatas e dos projetos particulares da Inspetoria, mas segundo o critério do desenvolvimento máximo dos recursos humanos para que estejam disponíveis em vista das necessidades e frentes

⁴³ Cf. CGE, 704

⁴⁴ Cf. CG24, 243

de trabalho da Congregação. Acrescentem-se hoje às iniciativas exemplares de tipo interinspetorial outras em força da mundialidade e transversalidade que caracterizam a ação em cada campo. Estamos todos os dias às voltas com a busca de pessoal preparado para comunidades de formação em zonas emergentes, para projetos de grandes dimensões que a Igreja nos quer confiar em contextos de primeira evangelização, para a nossa Universidade, para o serviço qualificado de reflexão e projeto na Direção Geral. Seria grave mortificar talentos apenas porque não se calcula que se possa empregá-los no próprio âmbito restrito.

– *Empenhar os irmãos qualificados em tarefas específicas dentro do projeto da Inspeção e da Congregação.* A melhor preparação de que falamos tende a melhorar o nosso trabalho e é orientada para ele. Acontece às vezes, que irmãos enriquecidos de uma competência, não vêem outra forma de colocá-la a frutificar senão abrindo uma frente própria ou inserindo-se em projetos externos à Congregação.

– *Insistir sobre a permanência dos irmãos no âmbito da própria qualificação.* Sobretudo nos centros de estudos, será preciso dar *continuidade e consistência aos corpos docentes e às equipes*, para criar uma tradição de reflexão e pedagogia formativa.

Tudo isso supõe *a elaboração e a colocação em ato de um plano inspetorial de qualificação do pessoal*, verificado anualmente, e uma administração astuta dos recursos. Pedia-o o CG23 quando escrevia: «Cada Inspeção elabore um plano orgânico de formação permanente dos irmãos em vista da sua renovação espiritual, da qualificação pastoral e da competência educativa e profissional»⁴⁵. E é isso que a programação do sexênio procura concretizar estabelecendo: «Exigir das Inspeções um programa de qualificação do pessoal, verificá-lo periodicamente e favorecer a sua realização»⁴⁶.

Queridos Inspectores, a vocês a responsabilidade e a esperança

⁴⁵ CG23, 223

⁴⁶ ACG 358 suplemento, número especial sobre a programação do sexênio, p. 23

dessa orientação. Conheço as dificuldades em que muitos se debatem todos os anos para cobrir os lugares de trabalho e sinto com vocês o número reduzido de novas vocações. Devemos, entretanto, não só gerir as crises, mas semear para o futuro. A exigência do programa de qualificação será um momento de comunicação fraterna para tomar consciência de tantos recursos a serem ainda explorados e para ajudar-nos a desenvolver todos os dons que o Senhor manda à nossa caríssima Congregação. Escolham com prudência o pessoal a ser preparado e sejam magnânimos em garantir à Inspetoria as condições para um futuro que certamente oferecerá outros modelos de presença em vista dos quais convém preparar-se.

Seja também considerado no plano o compromisso de garantir a *memória histórica salesiana*, como comunicação da experiência refletida, que exprima concretamente a identidade vivida em diversos contextos e culturas, em momentos históricos ordinários e em situações excepcionais.

A Congregação quis a fundação do Instituto Histórico Salesiano. É a manifestação da sua preocupação, que deve ter o correspondente em cada Inspetoria. Quem descuida da memória perde as raízes. Encontramo-nos hoje diante da expansão salesiana de 150 anos, estendida em todos os continentes, que ainda deve ser contada. Não podemos perder patrimônio tão precioso. Pensemos no valor que poderia ter para nós e para os irmãos de amanhã a história da implantação e do crescimento da Congregação nos diversos contextos ou a de algumas nações, que recuperaram recentemente a liberdade. É evidente que não basta ter criado a estrutura ou fundado um Instituto, se não existissem depois os homens que nele trabalhem com paixão e amor.

Cada Inspetoria sinta a responsabilidade de conservar, estudar, comunicar a própria história segundo critérios, que poderão ser oportunamente indicados. Para fazê-lo, são indispensáveis as pesquisas especializadas, mas é também importante a atenção cotidiana, que se manifesta no cuidado pela crônica, na conservação dos arquivos, na conservação da documentação significativa.

***Ponto de partida:
a dimensão cultural na formação inicial***

A formação do salesiano não se limita aos estudos e não se mede apenas pela capacidade intelectual. Não gostaria, portanto, que a insistência sobre o empenho cultural fosse interpretada como um critério seletivo, baseada em cocientes de inteligência especulativa. Sabemos que toda capacidade, e particularmente as capacidades do coração e da doação, encontram lugar na comunidade e na missão salesiana. É singular porém o relevo dado pela nossa *Ratio* à urgência da preparação cultural séria, inspirando-se na história da Congregação e amplamente apoiada nas orientações mais recentes da Igreja.

Para o salesiano – e isso vale não só para os irmãos jovens – resulta indispensável uma *compreensão da vida* que leve à opção vocacional solidamente motivada e ajude a viver com consciência sempre mais madura, sem reducionismos nem complexos, a própria identidade e o seu significado humano. Não é irreal o risco de perder-se diante das correntes de pensamento ou de refugiar-se em modelos de comportamento e formas de expressões já superados. A nossa vocação no caso, isolada da vida e da cultura, não se tornaria fermento e desafio, mas seria relegada ao nível de opção subjetiva.

A *qualificação* de que falamos é *determinada pelo “por vós estudo”*; ou seja, ela recebe uma caracterização original a partir da missão⁴⁷. Privilegia, por isso, alguns aspectos particulares. Em primeiro lugar, o mundo juvenil e a capacidade de nele inserir-se educativa e pastoralmente. Sabemos por experiência que isso exige atenção e reflexão constantes. Exige, também, a capacidade prática de traduzir em projetos significativos a missão educativa no contexto atual, marcado pela complexidade, pela liberdade, pelo pluralismo, pela mundialidade. Tornam-se úteis a compreensão mais completa possível do fato pastoral e a posse da competência pedagógica. E mais, um quadro de referência espiritual que, com a “graça de unidade” própria da consagração apostólica salesiana, leve a

⁴⁷ Cf. Reg. 82

traduzir o esforço de conhecimento e de ação em experiência de vida no Espírito. Repetimos com frequência que é preciso unir na mente e na vida, espiritualidade, pastoral, pedagogia, caminho de santidade, empenho pastoral, educação dos jovens e do povo.

Hoje, a urgência dessa síntese não é menor. Antes, a tendência à fragmentação, ao imediatamente compreensível e praticável expõe-nos a perigosos vazios e lacunas.

A necessidade de uma sólida cultura de base é fortemente sublinhada nos documentos eclesiais e em nossas reflexões destes anos sobre a formação. «É necessário contrariar decididamente – afirma a Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* – a tendência a reduzir a seriedade e exigência dos estudos, que se manifesta em alguns contextos eclesiais, como conseqüência já de uma preparação de base insuficiente e lacunosa dos alunos que iniciam o currículo filosófico e teológico. É a própria situação contemporânea a exigir que os mestres estejam cada vez mais à altura da complexidade dos tempos e em condições de afrontar com competência, clareza e profundidade de argumentação as carências de sentido dos homens de hoje, às quais apenas o Evangelho de Jesus Cristo dá resposta cabal»⁴⁸. «De muitas partes – afirma o *Instrumentum Laboris* do Sínodo sobre a Vida Consagrada – sublinha-se a necessidade da formação intelectual, filosófica e cultural mais sólida e intensa, também em vista do estudo adequado da teologia e da preparação para a nova evangelização»⁴⁹.

Será preciso, então, *insistir sobre a importância da formação intelectual e onde for necessário reconduzi-la aos níveis que correspondam ao momento atual*. Com efeito, «sem uma atualizada preparação cultural que habilite a viver conscientemente a vocação, leve a uma adequada visão da realidade, crie hábitos de reflexão e ofereça os instrumentos para novos aprofundamentos»⁵⁰ não podemos nem sequer esperar realizar os objetivos internos à

⁴⁸ PDV 56

⁴⁹ *Instrumentum laboris*, 90

⁵⁰ CG24, 247

Congregação, como são os estabelecidos pelo CG24.

Guiados por essas avaliações, exprimimos na programação do Conselho Geral para o sexênio, algumas orientações que tendem a «qualificar a preparação intelectual durante a formação inicial»⁵¹. Retomo três delas que confio de modo especial aos irmãos jovens e aos responsáveis da formação.

A primeira tem em vista «*tornar conscientes*, os irmãos jovens, da necessidade de uma sólida qualificação cultural e profissional e do empenho quanto à reflexão e ao estudo»⁵². A ênfase é colocada na consciência. As fases iniciais da formação, além de uma fundada síntese doutrinal sistemática, dilatável e modificável, deveria deixar um gosto pela reflexão, um método de estudo, um propósito de formação contínua e a convicção de que um Bom Pastor para o exercício da Palavra deve ser sempre também um bom “doutor”, conhecedor dos mistérios do Reino e da vida humana.

Gostaríamos pois de «*rever e adequar* a formação intelectual (organização, programas, metodologia etc.) às exigências da nossa vocação e missão»⁵³. O que compreende os conteúdos e as competências que se referem à experiência religiosa e cristã, os problemas que mais atingem a consciência humana, as condições e percursos de crescimento dos jovens segundo as diferenças com que se apresenta a sua vida.

Por último, interessa-nos na formação intelectual, «*sublinhar a perspectiva salesiana*, o estudo da ‘salesianidade’ e as competências exigidas pelas orientações do CG24»⁵⁴. A sensibilidade salesiana, que é parte do carisma e dom do Espírito, constitui o ponto de vista para sínteses originais. Não se deve cair no genericismo. A práxis sugere o modo de organizar o pensamento e vice-versa. De outro lado, a matéria explicitamente salesiana tornou-se abundante: há a história a não ser esquecida, há a espiritualidade a ser com-

⁵¹ ACG 358 suplemento, número especial sobre a programação do sexênio, p. 23

⁵² *Ib.*

⁵³ *Ib.*

⁵⁴ *Ib.*

preendida, há o patrimônio pedagógico geral e há as linhas particulares de pedagogia prática; há a evolução do pensamento testemunhada pela literatura salesiana.

Acrescento, no contexto, uma indicação, que julgo importante. A consciência da universalidade da Congregação, a composição das Regiões e dos grupos de Inspetorias, as tendências do mundo sugerem um esforço para superar as barreiras lingüísticas e para criar espaços de maior comunicação e colaboração. É oportuno, portanto, incluir na própria bagagem cultural o aprendizado em níveis úteis de uma ou mais línguas, além da própria.

Aos irmãos jovens, que durante a formação inicial dedicam não pouco tempo ao estudo e à reflexão, gostaria de repetir as palavras que dirigia há algum tempo à comunidade do nosso estudantado de Turim-Crocetta: «Convenci-me de que uma formação intelectual robusta e completa é mais urgente hoje do que ontem. Em determinados ambientes não basta a imediata capacidade prática e de contato. Após esse primeiro passo entra a exigência de iluminar pessoas, grupos e grandes comunidades; de intervir às vezes em áreas da vida e do pensamento, que exigem de quem fala ter aprofundado o mistério de Deus, a vocação do homem e as condições atuais em que a vida se está desenvolvendo. A superficialidade, digamos assim, na formação intelectual não dá retorno em nenhum contexto e a proximidade pastoral, se dá algum fruto imediato, exaure-se logo, também a médio prazo».

8. As estruturas

A exigência de qualidade cultural não envolve só as pessoas; refere-se também aos projetos e às obras através das quais encarnamos a missão. O processo de elaboração do PEPS tem como primeiro objetivo a significatividade de nossas intervenções da perspectiva da evangelização, da educação e do influxo sobre a mentalidade coletiva. Isso não se obtém apenas com a formulação dos escopos fundamentais. É indispensável o aprofundamento atualizado dos conteúdos e a aten-

ção metodológica que permitem traçar percursos para atingir os objetivos, empregar bem os recursos, verificar os resultados.

Dada a complexidade de certas obras quanto à estrutura e gestão, são necessárias clareza de organização e capacidade adequada de orientação para ser fiéis à intenção salesiana do projeto. Não é imaginário o risco de se ficar emaranhado no aspecto da organização, enfraquecendo a projeção cultural e a finalização pastoral, especialmente quando se aceita ou se exige a nossa colaboração, mas não se está aberto à nossa proposta cultural.

Zelo apostólico, atenção à orientação cultural e competência profissional são necessários em todas as obras salesianas; algumas, porém, parecem exigí-los com particular urgência. Refiro-me àquelas presenças que, por diversos motivos, devem ter uma irradiação maior, comunicam uma mensagem de particular valor ou atualidade, entram em diálogo cultural e pastoral mais vasto, têm a possibilidade de envolver outros sujeitos sociais ou eclesiais.

Detenho-me em algumas, como paradigma, enquanto estendo o olhar a todas as outras.

A Universidade Pontifícia Salesiana

A Universidade Pontifícia Salesiana prepara-se para comemorar 25 anos de vida como Universidade, que se somam a outros trinta, não menos importantes, como Pontifício Ateneu. O caminho percorrido nestes anos manifesta um desenvolvimento verificável através de vários elementos. O número de alunos passou dos 600 em 1973 aos cerca de 1.400 de hoje. A demanda não diminuiu; antes, deve ser contida e regulada, de acordo com as possibilidades das estruturas e do pessoal. Além dos salesianos, existem 390 religiosos, 150 diocesanos, 590 leigos, provenientes de todos os continentes.

Afirmou-se com um perfil original entre as Universidades romanas pela orientação educativa e pastoral e pelo estilo de família da comunidade universitária. Deu vida, ultimamente, a interessan-

tes iniciativas pastorais a serviço dos estudantes. Além da obra de ensino, pesquisa, extensão cultural e serviços à Igreja, presta assistência a variados setores da missão salesiana, em nível regional e mundial, entre os primeiros o da formação.

Deve-se reafirmar a sua função insubstituível «a serviço da Congregação e como expressão qualificada da sua missão na Igreja, com um próprio específico potencial cultural e formativo»⁵⁵. Expressa, nos máximos níveis, o diálogo entre carisma salesiano e instâncias culturais, e realiza nesse sentido uma missão de fronteira. Por isso, afirmou-se no CG24: «O desenvolvimento atual da Congregação e a sua expansão mundial, os desafios da missão e a exigência de qualidade em sua expressão pedagógico-pastoral, a perspectiva da nova evangelização e da inculturação, a preocupação com a comunhão e a atenção às diversas expressões do nosso carisma tornam a função da UPS de grande importância e atualidade no quadro da realidade salesiana»⁵⁶.

Deve-se apoiar a identidade da nossa Universidade e a qualidade da sua contribuição no âmbito cultural, eclesial e salesiano, com respeito à natureza, aos critérios de funcionamento e aos níveis de intervenção de uma instituição universitária, que é pontifícia, eclesiástica e salesiana.

O seu desenvolvimento deve ser garantido de acordo com um projeto orgânico, periodicamente revisto, ao qual corresponda a consciência numérica e qualitativa do corpo acadêmico. A participação dos leigos já é calculada. Seria, entretanto, uma perda fazê-lo apenas porque não se prepara um número suficiente de salesianos para trabalhar nesse nível.

Atenção à significatividade, caracterização salesiana, capacidade de diálogo cultural e religioso, unidade e organicidade do projeto, promoção do estilo de comunidade acadêmica são aspectos a ter presentes no centro máximo de estudo da Congregação.

O Reitor-Mor com o seu Conselho e a própria Universidade

⁵⁵ CG21, 346

⁵⁶ *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 229

estão empenhados na revisão da situação e na formulação de um projeto operativo orgânico que trace as linhas de desenvolvimento para os próximos anos.

O que foi dito acima supõe um decidido investimento por parte da Congregação quanto ao pessoal. A geografia hodierna da Congregação exige uma Universidade sempre mais internacional. Deve-se considerar normal o pedido às Inspetorias de pessoal qualificado ou a ser qualificado para o serviço na UPS, e a disponibilidade dos irmãos que fossem cooptados para transferir-se a Roma. Esse critério, de outro lado, já está amadurecendo na Congregação. Ele é percebido na generosidade com que Inspetorias e irmãos têm respondido aos últimos apelos.

Deve-se valorizar também o serviço da UPS para a qualificação do pessoal salesiano⁵⁷. Oferecem-se nela competência e perspectiva salesiana, numa síntese singular, que provém do conjunto da experiência, além da opção e organização dos conteúdos. Por isso, para nós, ela não é “igual” a outras Universidades. Verificados de novo os resultados observáveis na Congregação, repito a avaliação dada ao CG24: «À parte pequenas reservas, tantas vezes excessivamente repetidas, o saldo da frequência dos estudantes a estes Centros é altamente positivo para as pessoas, para as Inspetorias e para a Congregação. Não vemos como substituí-los com vantagem»⁵⁸.

Outras Universidades “Salesianas”: uma presença significativa

Cresceu nestes anos o número de instituições universitárias salesianas. São diversas entre si: variada é a sua estrutura jurídica, diverso o envolvimento das Inspetorias nelas, assim como a consistência das equipes salesianas que nelas trabalham. Algumas são atendidas com um grupo solidário de irmãos com papéis articulados e definidos segundo as exigências da instituição universitária e também as

⁵⁷ Cf. CG24, 255

⁵⁸ CG24, 255

finalidades educativas, pastorais e populares do nosso carisma. Outras caminham com um número variável de irmãos conforme o pessoal qualificado que a Inspeção ocasionalmente consegue liberar.

É preciso reconhecer que não é fácil garantir neste campo as condições para uma presença salesiana significativa em nível científico, educativo e pastoral. Talvez em não poucos casos deu-se importância no início sobretudo à organização do serviço a fim de criar oportunidades de educação superior no setor popular e ocupar espaços culturais disponíveis. Agora não se pode mais pensar que, sem uma preparação específica e uma equipe adequada, se possa exprimir o “critério oratoriano” nesse nível, integrando preocupação pela organização e atenção ao nível cultural, gestão administrativa e incidência pastoral. «Feito o primeiro esforço de organização, exigido por essas iniciativas, é o momento de enfrentar, com decisão e comunitariamente, a qualificação cultural e pastoral, a partir da preparação de irmãos e de leigos»⁵⁹.

É indispensável, em primeiro lugar, traçar com maior clareza a identidade e a orientação desses centros. Embora reconhecendo que têm uma organização geral inspirada na mentalidade cristã e transmitem uma visão humanista e religiosa, há sempre o risco de nivelar-se à mentalidade dominante, mais do que constituir-se como instâncias de diálogo e propostas alternativas.

Numerosos documentos apelam para o esforço de uma clara organização. A Igreja está levando adiante, em contexto de nova evangelização, a pastoral da cultura que tende a produzir mudanças na concepção econômico-social, na atitude diante da vida, na elaboração da ética, na criação de relações novas, na proposta de um sentido que ilumine natureza, história e tensões em ato. A luz para isso tudo vem do mistério de Deus Criador, Salvador do homem, energia e meta de sua história no Espírito.

Nossas Universidades devem definir a sua orientação conforme o caráter “católico” e a sua “filosofia educativa” em sintonia com os critérios salesianos, constituindo-se em centros de formação de

⁵⁹ *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 261

pessoas e elaboração de cultura de inspiração cristã.

Essa é uma frente de missão relativamente nova e, portanto, a ser acompanhada, coordenada e clarificada. Será preciso elaborar um encaminhamento autorizado (o *Projeto para as Universidades salesianas*, como plataforma declarativa da inspiração fundamental), promover o diálogo e o intercâmbio entre essas instituições e acompanhar o caminho das Inspetorias nessa nova experiência. A obtenção dos objetivos salesianos deverá ser garantido também em nível de estatutos.

Além da orientação cultural, porém, dever-se-á pensar numa animação pastoral eficaz dos ambientes universitários. Devem-se, nesse caso, acrescentar às estruturas acadêmicas, as múltiplas atividades que desenvolvemos entre os universitários como pensionatos, grupos, atenção religiosa e semelhantes.

Não se pode prescindir da CEP e, em primeiro lugar, do núcleo animador salesiano. O que comporta a preparação e a dedicação do pessoal salesiano, a intensa colaboração com os leigos, escolhidos e tornados conscientes do caráter e da finalidade de nossas Universidades, a atitude de abertura e de relacionamento com outros sujeitos culturais, a tradução do Sistema Preventivo e da espiritualidade em que ele se fundamenta. Numa palavra: *exigência de competência salesiana e de qualidade cultural e profissional*.

Assim como, muitas vezes, nas Casas de Espiritualidade, na administração de estruturas, nos encontramos sem poder dispor de pessoas e equipes capazes de uma proposta espiritual, pode acontecer que também nos centros universitários e nos pensionatos pensemos nas estruturas e organização, mas não em “propostas” de vida e acompanhamento no crescimento.

Queremos acompanhar a partir do Conselho Geral, com particular atenção, o desenvolvimento da presença salesiana nesta fronteira, que apresenta desafios não indiferentes do ponto de vista institucional, dos destinatários, dos colaboradores, da economia e, sobretudo, do projeto, mas que pode ser extraordinariamente fecunda para a evangelização da cultura e para uma presença parti-

cular no mundo da educação. A ela deve corresponder igual empenho por parte dos Inspectores e de seus Conselhos.

Centros salesianos de estudo e reflexão

A Congregação empenha-se em outros Centros que, em alguns casos, têm uma incidência direta sobre a formação dos irmãos e, em outros, colaboram em criar mentalidade, acompanham jovens e adultos num caminho espiritual, difundem com os meios modernos a mensagem evangélica, comunicam o espírito salesiano: estudantados, equipes editoriais, centros pastorais e pedagógicos, casas de espiritualidade.

Os nossos Regulamentos estimulam as Inspetorias com capacidade de fazê-lo a ter «um centro próprio de estudos para a formação dos irmãos e para serviços qualificados de animação» às mesmas Inspetorias e à Igreja local⁶⁰. De fato, não são poucas as Inspetorias que podem contar com esses centros. Eles constituem um empenho não leve, mas dão uma contribuição válida à vida da Inspetoria e à sua missão. É preciso, por isso, apoiá-los e reforçá-los, e quem sabe redimensioná-los em âmbito regional, mais do que multiplicá-los sem entendimentos prévios.

A busca de qualidade cultural e formativa leva a rever a consistência, a incidência e a capacidade de renovação desses Centros e sobretudo a garantir as condições para o seu funcionamento adequado à demanda.

Particularmente, a respeito dos centros salesianos de estudo, é necessário assegurar a constituição e o empenho do corpo docente, que não pode se limitar a garantir o horário das aulas; e preocupar-se com a colaboração e a co-responsabilidade interinspetorial, quando o centro presta o seu serviço a várias Inspetorias, o funcionamento regular do “curatorium”, a afiliação ou agregação à nossa Universidade, a escolha cuidadosa dos colaboradores não salesianos.

Devemos considerar também nesse contexto a nossa participa-

⁶⁰ Reg. 84

ção em centros de estudos geridos com outras instituições (Congregações, Dioceses etc.), assim como a orientação formativa dos estudos dos irmãos em formação inicial que freqüentam centros em cujas direções não temos co-responsabilidade. A incidência dos professores sobre o desenvolvimento da personalidade é freqüentemente mais decisiva daquela de outros formadores; não se pode, então, simplesmente “delegar” a formação intelectual dos jovens salesianos.

Discursos semelhantes, quanto ao pessoal e ao projeto, podem ser feitos a respeito de outros Centros que produzem e difundem cultura (Editoras, Rádios etc.), desejando-se garantir o seu rendimento máximo e um serviço adequado ao Evangelho e às pessoas⁶¹.

9. Conclusão

A busca da sabedoria atravessa a vida de Dom Bosco: amor e conhecimento a serviço dos jovens. Trata-se de dom e de tarefa que lhe foram confiados no momento da chamada, em resposta à sua pergunta sobre o “como” ter sucesso na realização da missão. A fim de atingi-la foi-lhe indicada a Mestra.

Trata-se certamente da sabedoria que é “revelação do mistério de Deus”⁶², do “conhecimento de Cristo” que São Paulo pedia para os fiéis⁶³, que em Cristo compreende a totalidade da vida humana e o evoluir da história. Ela nos é dada com a fé como dom e, para nós salesianos, como orientação particular com o carisma da predileção pelos jovens.

Maria Santíssima, que foi Mestra para Dom Bosco, seja-o também para nós.

São os votos que dirijo a cada um de vocês e às suas comunidades, juntamente com a minha saudação fraterna.

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

⁶¹ *Relação ao CG24 sobre o estado da Congregação*, 269

⁶² 1Cor 2,6ss

⁶³ Cf. Ef 3,18-19

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 UMA EXPRESSIVA PRESENÇA SALESIANA: O BOLETIM SALESIANO (BS)

P. Antonio MARTINELLI
*Conselheiro para a Família
Salesiana e a Comunicação Social*

Premissa

A programação do Reitor-Mor e do seu Conselho para o sexênio 1996-2002 refere-se a um objetivo muito preciso: “*Encaminhar a renovação do BS, considerado como uma instituição única da Congregação (R 41) e colocado no mais amplo sistema de comunicação que se entende realizar*” (ver Atos do Conselho Geral, suplemento ao n. 358, número especial, pág. 30, segunda coluna).

Com o olhar voltado para a renovação e o relançamento programados, quis reler o trabalho que Dom Bosco fez nos inícios, bem como algumas afirmações suas. Foi uma leitura orientada pelo desejo de encontrar critérios e estímulos, em vista do cumprimento da programação.

Causou-me admiração a anotação colocada por Piero Stella em *Dom Bosco na história da religiosidade católica*, volume 1^a, pág. 247: “À sua morte o Boletim na edição italiana, francesa e espanhola teria ultrapassado a tiragem de cem mil cópias”.

Veio-me uma admiração igualmente grande quando reli todo o capítulo XXIII do P. Eugênio Ceria nos *Anais da Sociedade Salesiana*, volume 1^a, páginas 235 a 244, dedicado ao “Boletim Salesiano”. A enorme rapidez da difusão do Boletim apresenta-se como um *fenômeno* singular! Os Salesianos da primeira hora, por outro lado, serviram-se dele como um ‘*instrumento*’ eficaz para o conhecimento e adesão ao espírito de Dom

Bosco: deram, por isso, muita atenção à organização do trabalho do Boletim.

Encontramo-nos diante de uma realidade que, desde os inícios, teve amplo espaço nas palavras, nos fatos e nas preocupações de Dom Bosco e da Congregação. O que fazer disso tudo?

Tento exprimir algumas orientações que podem apoiar a caminhada de hoje.

O Boletim Salesiano vale mais do que uma obra

A expressão entende acentuar a importância que pode assumir o trabalho com o BS.

Quando tratou-se de confiar a responsabilidade direta a um irmão, Dom Bosco colocou nele o P. Bonetti. Escreve o P. Ceria: “A escolha não podia ser mais feliz”. Dom Bosco exonerou o P. Bonetti da direção do colégio de Borgo San Martino, chamou-o ao Oratório e colocou-o à testa da nova obra que iniciava. Estamos no ano de 1877!

Poderá, quem sabe, parecer a repetição de coisas conhecidas por todos os Salesianos, mas pode chamar também a nossa atenção operativa recordar que Dom Bosco interessou-se pessoalmente pelo BS pelo menos em três Capítulos Gerais.

1. Um Capítulo Geral indicou o caminho comum entre BS e Associação dos Cooperadores Salesianos

(cf. BM XIII, passim)

Dom Bosco estabeleceu, no 1º Capítulo Geral da Congregação, celebrado em 1877 e presidido pelo nosso Pai, a relação estreitíssima entre a Associação dos Cooperadores e o Boletim. Disse:

“O maior esforço que eu tenha feito pelos Cooperadores, motivo pelo qual estudei muitos anos e nos quais, só por isso, parece-me ter tido sucesso, foi justamente o modo de manter todos unidos à cabeça e que a cabeça possa fazer chegar os seus pensamentos a todos. Agora, nem nós podemos fazer sequer um idéia da extensão que esta obra tomará, e da influência moral que exercerá, quando se tiver grandemente estendido. Quando forem vários milhares, e eu estou persuadido que em pouco tempo serão pelo menos cinco mil, então obter-se-ão efeitos surpreendentes”.

Assim falava em 1877. Nove anos depois, o Boletim já tinha uma tiragem de quarenta e cinco mil cópias (cf. *Anais*, op. cit., pp. 242-243).

Ainda os Anais trazem em nota à p. 242 esta indicação: “Nos últimos anos de sua vida, oferecendo o Diploma de Cooperadores Salesianos a todos os Bispos da Itália, ele anexava a coleção inteira do Boletim, como fonte de informação”.

A fim de convencer-nos da estrita ligação entre Cooperadores e Salesianos, no mesmo Capítulo Geral, Dom Bosco incorporou ao código da nossa Sociedade também o Estatuto fundamental da Pia Associação dos Cooperadores, composto de oito artigos. Ela assim tornou-se uma pertença da mesma Congregação.

No quarto consignava ao BS o serviço que devia realizar em vista da Associação. Escrevia Dom Bosco:

“O BS é vínculo de união entre os Cooperadores. Se algum membro se tornasse indigno de ser Cooperador, deixa-se de enviar-lhe o Boletim, sem outra formalidade”.

Essa simplicíssima palavra resulta ser, na verdade, o elogio mais alto que Dom Bosco podia exprimir falando do Boletim. *Privar do periódico* representa o típico estilo salesiano do Sistema Preventivo, que une clareza e carinho, respeito das pessoas e exigências da organização.

Recordem freqüentemente os Cooperadores as palavras que Dom Bosco lhes escreveu antes de morrer: “Se me ajudastes com tanta bondade e perseverança, peço-vos agora que continuais a ajudar o meu Sucessor depois da minha morte. As obras que iniciei com o vosso apoio, não precisam mais de mim, mas continuam a precisar de vós e de todos os que como vós amam a promoção do bem nesta terra. A todos, pois, eu as confio e recomendo”.

A insistência em relação aos Cooperadores Salesianos não exclui, de modo algum, a responsabilidade direta dos irmãos, das comunidades salesianas e da organização inspetorial salesiana.

Considere-se também, de outra parte, toda a contribuição que se pode esperar do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Os responsáveis inspetoriais do Boletim devem saber buscar a ajuda e a originalidade das FMA para uma mais completa e eficaz apresentação do carisma de Dom Bosco no mundo de hoje.

2. *Um Capítulo Geral refletiu sobre a força de comunicação, agregação e promoção do BS* (cf. MB XVI, pp. 411-421, particularmente 412-413)

Estamos em 1883. Dom Bosco está ocupado na consolidação da sua obra. Ele afirmou no 3º Capítulo Geral da Congregação:

“Se os Governos não nos colocarem empecilhos, o Boletim será uma potência, não já por si mesmo, mas pelas pessoas que unirá”.

Parece-me ver condensadas, nas palavras de Dom Bosco, muitas intuições que guiaram a sua vida e que, de alguma maneira, ele quis deixar em herança a nós, seus filhos. Fazem parte da vasta bagagem de sonhos ou de desejos, de utopias ou de realizações que acompanharam a história do nosso Pai e Fundador.

Primeira intuição: *a comunicação, através dos instrumentos à disposição, é uma força viva e eficaz.*

O uso da comunicação e dos instrumentos, nas mãos de Dom Bosco, foi sempre orientado ao bem de sua obra e dos jovens. Livros e periódicos, fascículos e números únicos, intervenções breves ou longas, jornais ou revistas: tudo pode ser utilizado para a educação e a evangelização. Dom Bosco, com razão, é chamado “mestre”: também pelo uso que fez dos instrumentos de comunicação em seu tempo. P. Ceria anota ainda: “O BS talvez tenha sido, entre todas as publicações devidas a Dom Bosco, a que produziu os maiores frutos, tanto inflamando os corações em favor das Missões e de tantas obras de fé, como suscitando numerosas vocações eclesiais, religiosas e missionárias” (ib. p. 244).

Segunda intuição: *a importância da publicidade na difusão do bem e na agregação dos bons.*

Poderia parecer uma reflexão distante do tempo e dos pensamentos de Dom Bosco. Ela está, porém, em plena consonância com o seu espírito. Dom Bosco, por exemplo, nunca fez mistério da pertença do Papa Leão XIII à Associação dos Cooperadores. A história do Oratório traz-nos até a data da agregação: 16 de março de 1878. Não passou muito tempo, e já em abril do mesmo ano, o BS anunciou, comentou e deu amplo relevo ao acontecimento. Resultou uma publicidade de muito relevo e incidência para Dom Bosco, para a Associação e para o próprio Boletim!

A sociedade civil da época estava em profunda mudança. A comuni-

cação fazia eco aos projetos de renovação. Dom Bosco soube inserir-se com agilidade e conhecimento de relações em meio a esse fato novo.

Terceira intuição: *a exigência de um vínculo espiritual como apoio e ajuda à organização do bem.*

Dom Bosco foi dominado pela idéia da unidade e da ligação com toda a Igreja e com Deus, em definitivo, através das necessárias mediações. A unidade pode ser atingida quando e onde se realiza a unidade de orientação mental e do espírito. Explica-se e compreende-se nessa linha a obra do Boletim.

O mesmo Dom Bosco expressa-se assim na conferência de São Francisco de Sales em 1877: *O BS deveria ter também a função de ligar e de unir populações inteiras no único espírito salesiano.*

O serviço à Igreja domina a vontade de agregação em Dom Bosco. Isso interessa tanto a Associação dos Cooperadores, como também o empenho da comunicação através dos vários meios.

3. Um Capítulo Geral definiu o BS como o órgão da Pia Sociedade Salesiana

(cf. MB XVIII, 185ss)

O 4º Capítulo Geral de 1886, último celebrado com a presença de Dom Bosco, retoma o tema do Boletim e delibera a respeito das *responsabilidades* da sua edição.

Apela-se, antes de tudo, à responsabilidade de *Dom Bosco* e do *Capítulo Superior* (como então era chamado o Conselho Geral): “O Boletim seja redigido e impresso sob a imediata vigilância do Capítulo Superior...”.

Os *Inspetores* têm a tarefa de responder a algumas exigências regionais e nacionais; cuidarão, por isso, de algumas páginas como suplemento extraordinário, com acontecimentos locais. Além disso, nomearão nas Inspetorias aquele ou aqueles que chamamos hoje de “correspondentes” das várias regiões. Sejam pessoas idôneas e com tempo disponível para que recolham notícias e informações a serem enviadas depois a Turim ao diretor do Boletim.

Os *diretores* do Boletim tenham capacidade e tempo para realizar de maneira eficaz o próprio trabalho de informação sobre as coisas salesianas e da Igreja.

Duas intervenções de Dom Bosco merecem ser conhecidas.

A primeira, de 10 de agosto de 1877, numa conversa com o P. Giulio Barberis quando o BS, em seu primeiro número, estava apenas saindo da impressão. Dom Bosco exprime-se assim:

“A finalidade do Boletim é tornar conhecidas as nossas coisas, o mais que se possa, e torná-las conhecidas no seu verdadeiro sentido. Isso servirá para obtermos ajudas, atraindo o afeto das pessoas às nossas instituições. Sabendo manejar bem o assunto, poder-se-ão insinuar, ao escrever, as maneiras de socorrer nossos empreendimentos. O periódico será o principal sustento de todas as nossas obras: se ele caísse, também estas cairiam. Procurem-se para ele quantos mais leitores sejam possíveis; procure-se divulgá-lo de todas as formas e gratuitamente. Tenha-se por princípio que a vantagem trazida por ele não está nas liras da anuidade; por isso, não sejam pedidas: um benfeitor que dê uma esmola, bastará então para pagar por todos!” (cf. BM XIII, pp. 260-261).

É interessante notar como nos raciocínios de Dom Bosco existem habitualmente visão de conjunto, preocupações globais, interesses mais amplos em relação ao imediatismo de cada ação. Acima de tudo, há sempre a visão do desenvolvimento e consolidação da Congregação na simpatia das pessoas.

A segunda intervenção é de 17 de setembro de 1885. O Boletim já vive há alguns anos. Enquanto reconhecem-se as benemerências e os sucessos a ele relacionados, nascem também os problemas e as dificuldades. Dom Bosco intervém no Capítulo Superior e afirma, como se lê nas atas:

“Sustento a necessidade de um Boletim único. As minhas razões de ter nas mãos em toda a sua extensão esse poderosíssimo meio para minhas finalidades e a certeza de que o Boletim pode ser levado às vezes a se desviar da finalidade que eu me prefixei, mantêm-me firme na minha opinião”.

A redação da memória acrescenta no volume XVII das MB, à página 668: “É uma arma poderosíssima que não deve escapar das mãos do Reitor-Mor”.

Da história à vida

Somos chamados, hoje, a confrontar-nos com a experiência de Dom Bosco para entender como e quanto alguns critérios iniciais podem e devam ser revividos por nós e o que, diversamente, deveríamos modificar e adaptar.

Coloco-me do ponto de vista dos diretores do BS e vejo algumas interrogações que nasceram na experiência.

Primeira interrogação: *o BS é um olhar salesiano sobre o mundo ou uma visão do fenômeno salesiano para o mundo?*

O P. Egídio Viganò deu a seguinte resposta à questão assim articulada num dia de reunião com encarregados do BS: “A primeira expressão é um eufemismo para fazer uma revista como se quer, prescindindo da orientação que Dom Bosco deu e do vínculo com a Família Salesiana, de tal modo que se fala de tudo e não se conhece nada da FS. O olhar salesiano sobre o mundo deve ser uma parte no interior do conceito do BS. Isto é, no BS que faz conhecer o fenômeno salesiano do mundo no próprio País, o diretor sabe escolher as coisas e sabe também acrescentar olhares salesianos sobre o mundo, mas sempre a partir de dentro do fenômeno salesiano. Diversamente torna-se uma revista segundo o diretor e será feita... à sua imagem e semelhança.

Em que consiste o olhar salesiano sobre o mundo? É o olhar de um salesiano que vive a própria vocação, a missão típica juvenil e educativa!”.

Uma vigilância particular dos diretores do BS deve ser colocada nos aspectos unicamente “celebrativos” da vida salesiana. O BS colhe também esses acontecimentos, mas não os enfatiza, não os faz o único material de onde beber. Não devem ser esquecidas as notícias que apresentam as realizações educativas e pastorais. Não descuida também das problemáticas educativas e pastorais. A dosagem das várias partes manifesta a sabedoria do encarregado responsável.

Segunda interrogação: *como podem ser apresentadas as finalidades do BS como órgão de informação?*

A informação que chega através do BS quer atingir três finalidades fundamentais:

- suscitar o sentido de pertença: todos no mundo, espalhados nas diversas situações de vida e de trabalho, sentimo-nos salesianos, reconhecemos uma orientação compartilhada e um espírito que nos anima;
- criar motivações para viver a unidade: como Família Salesiana de Dom Bosco todos advertimos alguns vínculos de comunhão e fraternidade;
- apoiar a alegria da vocação salesiana, nas diversas realizações: percebemos um certo orgulho de saber-nos filhos de um Pai como Dom Bosco.

O diálogo constante entre Família Salesiana e vida eclesial, entre vo-

cação salesiana e mundo, entre experiências seculares e missão salesiana será o instrumento indispensável para realizar as finalidades acima nomeadas.

Trata-se de um trabalho de fôlego, que exige pessoas dedicadas inteiramente a esse serviço salesiano, que se tornou hoje sempre mais necessário.

Terceira interrogação: *é realista a reflexão, tão freqüente em Dom Bosco, sobre a unidade do BS?*

Apresento, antes de tudo, a releitura do artigo 41 dos Regulamentos Gerais:

“O Boletim Salesiano, fundado por Dom Bosco, difunde o conhecimento do espírito e da ação salesiana, especialmente missionária e educativa.

Interessa-se pelos problemas dos jovens, encoraja a colaboração e procura despertar vocações.

É, além disso, instrumento de formação e vínculo de unidade para os diversos grupos da Família Salesiana.

É redigido em várias edições e línguas, conforme as diretrizes do Reitor-Mor e do seu Conselho”.

O artigo dos Regulamentos leva a tomar em consideração dois aspectos aparentemente opostos: a unidade ou convergência e a diferença ou autonomia.

A intenção do artigo regulamentar, como também da programação do Reitor-Mor e do seu Conselho, no respeito da autonomia necessária e conveniente, sugere um grau de identidade comum, maior daquele que pode ser observado hoje.

A coordenação é uma realidade possível, por isso tornou-se um objetivo da renovação e do relançamento do Boletim Salesiano.

Perspectivas de futuro

O discurso poderia tornar-se aqui muito orientado às pessoas e aos grupos, nos diversos níveis, responsáveis pelo “fenômeno” e pela “obra” BS.

Estão imediata e diretamente interessados o Reitor-Mor com o seu Conselho, o Conselheiro Geral e todo o dicastério para a comunicação social (que se enriqueceu de uma nova presença, o *diretor central do BS, na pessoa do P. Orlando Vito*), os Inspetores ou Conferências Inspetoriais, os diretores de BS, os Cooperadores Salesianos, todos os amigos de Dom Bosco.

Trabalhando cada um com as responsabilidades da competência específica, será um serviço relevante e expressivo ao espírito de Dom Bosco.

Os Salesianos, nas Inspetorias, coloquem o tema do Boletim Salesiano na ordem do dia da reflexão.

Os Grupos da Família Salesiana considerem a contribuição real que poderão oferecer à difusão deste instrumento original, que manifesta o “Dom Bosco vivo” de hoje. Dê-se vida, onde puder ser conveniente, a *grupos de amigos do BS*, para suscitar colaboração, co-responsabilidade e simpatia.

A renovação do BS no mundo pode se colocar, de maneira muito positiva e eficaz, no caminho do CG24, n. 82.

2.2 POBRES E SOLIDÁRIOS

P. Giovanni MAZZALI
Ecônomo Geral

Parecem particularmente atuais, nesse âmbito, tanto as iniciativas que se estão multiplicando rapidamente, como a reflexão que se vai aprofundando sobre o tema amplo e universal da solidariedade. É um dado de fato que nos mais variados contextos, e com uma grande pluralidade de formas, multiplicam-se as iniciativas de solidariedade, e é interessante que juntem-se às normas já tradicionais e consolidadas, novas experiências como, para citar as mais conhecidas, os bancos, os guichês e os fundos éticos, os bancos de solidariedade, os bancos de alimento e variadas formas de comércio justo e solidário. De várias partes, e significativamente também por parte de alguns institutos de crédito, inicia-se a propor um “sistema ético” no emprego e no investimento do dinheiro, como também, com sempre maior urgência, deseja-se uma economia de mercado orientada em sentido social.

Se de um lado essas e outras iniciativas apresentam-se com o caráter de novidade e podem suscitar legitimamente alguma perplexidade sobre a sua mesma eficácia e sobre as motivações pelas quais são colocadas em ação por diferentes agências, de outra, representam uma tentativa de sulcar caminhos novos na gestão e utilização dos bens, segundo novos critérios e princípios inspiradores.

Permito-me citar, nesse contexto, o economista Keynes que, numa conferência feita na Espanha em 1930, que trazia o significativo título de *Perspectivas econômicas dos nossos netos*, prefigurava um mundo regulado pela liberdade e pela moralidade como condições indispensáveis para realizar a gratuidade e a solidariedade, um mundo em que os ho-

mens seriam «livres... para voltar a alguns dos princípios mais seguros e certos da religião e às virtudes tradicionais: a avareza é um vício, a prática da usura é um delito e o amor pelo dinheiro é deplorável; aqueles que realmente seguem as estradas da virtude e da sã sabedoria são os que menos pensam no amanhã» (*Concilium* 2/1997, p. 31).

Provocações “proféticas” (segundo Keynes, vivemos ainda hoje no túnel da necessidade econômica!) que, embora avaliadas com sábio discernimento, faz referência ao magistério da Igreja que individualiza na solidariedade o caminho alternativo para uma sociedade mais justa.

A solidariedade «não é um sentimento de vaga compaixão ou enternecimento superficial pelos males de tantas pessoas, próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum: ou seja, pelo bem de todos e de cada um, para que todos sejam realmente responsáveis por todos... A solidariedade proposta dessa forma por nós é caminho para a paz e ao mesmo tempo para o desenvolvimento... hoje poder-se-ia dizer... *opus solidaritatis pax*, a paz como fruto da solidariedade» (*Sollicitudo rei Socialis*, nn. 38-39).

O artigo 76 das nossas Constituições sublinha e aprofunda a pobreza como caminho de comunhão fraterna e evidencia a profunda ligação entre pobreza evangélica e caridade cristã. O que, de um lado, é realizado com o autêntico espírito de família, através da partilha dos bens no interior da comunidade, e, de outro, com a atitude de solidariedade em relação à Inspeção, à Congregação, à Igreja e ao mundo.

Vale a pena deter-se nesse aspecto qualificador da nossa pobreza, verificando se efetivamente, nas situações ordinárias e extraordinárias, o princípio e a prática da solidariedade sejam orientadores de nossas opções e de nossos comportamentos.

Parece-me que seja possível individualizar na base dessas orientações autorizadas algumas linhas mestras para o testemunho mais límpido desse elemento caracterizador da nossa consagração e identidade salesianas.

A solidariedade deve ser entendida, antes de tudo, como justa relação entre igualdade e diversidade, respeito da pessoa e dos direitos fundamentais, mas também esforço de convergência para realizar uma autêntica comunidade de pessoas e atingir objetivos comuns com o concurso responsável de todos. Solidariedade nesse sentido significa harmonizar as individualidades e o protagonismo individual (às vezes fortemente acentuado no contexto da vida religiosa) através do critério da interpersonalidade. Esse

critério volta-se mais especificamente, no setor da economia, à organização eficaz da solidariedade no interior das várias Inspetorias, harmonizando oportunamente o espírito de colaboração que tende a centralizar os meios e os recursos com a autonomia sancionada pelas nossas Constituições. A Congregação, naquilo que é dado ver, está se movendo bem nesse sentido e já existem numerosas Inspetorias que organizaram, com critérios de eficiência e de racionalidade, um movimento de solidariedade que, partindo de cada comunidade, é gerido e administrado pelo Centro Inspetorial, tanto em favor das próprias comunidades, evitando desperdícios e discriminações odiosas, como em relação às necessidades da Congregação em seu respiro mundial. É importante, em primeiro lugar, que seja o Inspetor com o seu Conselho a discernir sobre a organização de um *plano inspetorial de solidariedade*, individualizando suas etapas, caminhos e realização gradual. Em seguida, diretores e ecônomos de comunidades devem ser sensibilizados a respeito, dando-lhes uma boa orientação motivada e, sobretudo, indicando propostas operativas para a realização do plano. Como terceira intervenção, é oportuno que ulteriormente, com a autoridade que lhe é própria, o Capítulo Inspetorial aprofunde e alargue a reflexão, sancionando também com deliberação formal, a instituição do *plano inspetorial de solidariedade*.

Como acredito que seja amplamente conhecido, o Reitor-Mor instituiu o *fundo de solidariedade* aberto tanto às contribuições como às necessidades de toda a Congregação. Aproveito esta intervenção nos Atos para agradecer ainda sensibilizado as generosas contribuições recebidas, sobretudo as que chegaram de situações de pobreza e de necessidade.

Na linha de uma eficiente e renovada gestão dos recursos, a solidariedade deve orientar-se ao desenvolvimento da pessoa e de todas as pessoas. Solidariedade, nessa perspectiva, significa para nossas comunidades *empenho concreto*, nas formas indicadas pelos diversos contextos em que vivemos e trabalhamos, *contra a miséria, o subdesenvolvimento, a discriminação social, a exploração*. As estratégias postas em ação representam, e já representam, uma contribuição ao esforço de moralização da economia, muitas vezes orientada à realização de um lucro fim em si mesmo, origem de tantos males e insatisfações sociais. Um primeiro empenho acessível a todos é a luta contra o desperdício, contra os exageros e exasperações de consumismo. A atenção concreta, depois, e a participação em tantas iniciativas éticas existentes hoje concorrem a tornar mais crível a nossa

profissão de pobreza, sobretudo na gestão do dinheiro a nossa disposição e na conseqüente qualidade do nosso estilo de vida. Como sublinhava mais acima, trata-se de estar, entre outras coisas, ao corrente das iniciativas éticas oferecidas pelas diversas agências nos vários contextos. O ecônomo inspetorial e os ecônomos das comunidades podem fazer, nesse sentido, um serviço precioso, informando-se e fornecendo informações que possam estimular aos poucos as opções de cada comunidade ou da mesma Inspeção, através de organismos competentes.

Na linha da *gratuidade*, que representa a mais alta realização da solidariedade, sentimo-nos particularmente chamados em causa para a construção da *civilização do amor*. Além de sermos, nós mesmos, tanto individual como comunitariamente, artífices de gratuidade, empenhamo-nos na valorização das diversas formas de voluntariado, na colaboração para criar estruturas sociais mais à medida do homem e, também, no estímulo ao empenho político de quem entende comprometer-se para dar à sociedade, à aldeia global de que somos parte, um “suplemento de alma”. «Deus nos criou e nós criamos a pobreza. O problema será resolvido quando nós tivermos renunciado à nossa voracidade» (Madre Teresa).

Não é difícil ver o quanto a nossa opção radical de Deus, o nosso carisma centralizado na missão pela juventude, sobretudo pobre e abandonada, influam na autenticidade do nosso esforço cotidiano de solidariedade e em nosso empenho na comunidade, na sociedade e na Igreja. O impulso do nosso Fundador e o testemunho contemporâneo de Madre Teresa, percebidos ambos em suas profundas raízes espirituais, tornam-se exemplo e estímulo para rever e renovar o nosso estilo de vida individual e comunitário, para sermos testemunhas críveis de solidariedade.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

CAPÍTULOS INSPETORIAIS 1998

O Vigário do Reitor-Mor

Respeitando os tempos constitucionais (cf. C 172), há dois anos do CG24, as Inspetorias são convidadas a celebrar o Capítulo Inspetorial em 1998.

Trata-se da assembléia representativa dos irmãos das comunidades locais para examinar a situação da Inspetoria, estudar a aplicação do CG24 na Inspetoria, examinar alguns temas de particular importância e, eventualmente, rever o Diretório Inspetorial.

1. Membros do Capítulo

1.1 – São membros de direito (C 173):

- o Inspetor e os membros do Conselho Inspetorial;
- o Superior de Delegações Inspetoriais, onde existirem;
- o regulador do CI, nomeado pelo Inspetor com o consentimento do seu Conselho (R 168);
- os diretores de cada casa canonicamente ereta (se gravemente impedidos, são substituídos pelos vigários, com a aprovação do Inspetor);
- o mestre dos noviços.

1.2 – Membros eleitos:

São previstas duas eleições:

- a) em cada casa ou num grupo de comunidades reunidas (R 161-163);
- b) em nível inspetorial, numa lista de elegíveis, um para cada 25 ou fração de 25 irmãos (R 165).

Todos os irmãos (perpétuos ou temporários) têm voz ativa nas eleições (C 174). Só os professores perpétuos têm voz passiva (C 173,7). É importante ter presente a complementaridade de coadjutores e clérigos na eleição.

2. Temática

São dois os temas principais:

- os temas que o Inspetor propuser para o bem da própria Inspetoria;
- e a aplicação do CG24 na Inspetoria.

Em caso de necessidade, devido a problemas particulares, pode-se fazer também a revisão do Diretório Inspetorial.

2.1. *O Inspetor com o seu Conselho estabelece a temática própria do CI 1998 nos limites dos artigos 170 e 171 das Constituições. Trata-se de es-*

tudar os temas de particular importância para a atual situação no contexto. O Inspetor evidencia, na relação inicial, os aspectos mais importantes da vida da Inspetoria: vida religiosa, missão, envolvimento dos leigos e da Família Salesiana.

2.2. Aplicação das *deliberações do Capítulo Geral* na Inspetoria (C 171,3). Considerando o conjunto do CG24 e os passos já dados na Inspetoria, verificam-se alguns itinerários e formas de envolvimento; a co-responsabilidade e a formação que a Inspetoria se propõe a desenvolver para compartilhar com os leigos a missão e o espírito salesiano.

Examinando, brevemente, os principais compromissos propostos pelo CG24.

2.2.1. Passar da simples aceitação dos leigos à efetiva valorização da sua peculiar contribuição à educação e à pastoral (CG24 108); o CG24 indica particularmente às Inspetorias, que “O Inspetor com o seu Conselho:

- a) estimule o conhecimento e o contato com os leigos que vivem e operam com o espírito de Dom Bosco fora das nossas estruturas;
- b) programe com eles alguns momentos de intercâmbio, animando o empenho de serviço em favor da juventude;
- c) estude, de acordo com os respectivos organismos das FMA e dos CCSS, as possibilidades e as maneiras mais adequadas para favorecer o engajamento dos leigos na missão comum” (CG24 116).

2.2.2. “Promover experiências, atitudes, processos de ação e estruturas de co-responsabilidade que favoreçam a comunhão e a partilha no espírito e na missão de Dom Bosco” (CG24 118), indicando em nível inspetorial uma particular atenção, para que “o Inspetor com o seu Conselho:

- promova encontros e reuniões com os responsáveis salesianos e leigos dos diversos setores de atividade para programar e avaliar juntos o caminho da ação educativo-pastoral;
- estabeleça o quadro geral das normas e critérios para o bom andamento das atividades e da relação SDB-Leigos e das iniciativas por eles promovidas;
- estude e, se necessário, promova a realização de projetos juntamente com os grupos da FS ou outros grupos leigos. Para isso sugira a constituição e favoreça o bom funcionamento da Consulta local da FS, dentro da qual e de forma compartilhada se estudem as necessidades dos jovens do território e se elaborem projetos comuns;
- experimente, onde possível e conveniente, as diversas formas de gestão, p. ex., confiando algumas obras salesianas à direção dos leigos, sempre resguardando sua significatividade salesiana” (CG24 125).

“No que diz respeito ao voluntariado:

- ajude os irmãos e as comunidades a reconhecerem sua importância para a missão salesiana;

- *redija e leve a efeito um plano inspetorial que, segundo as orientações do documento “Voluntariado e Missão Salesiana”, contenha uma proposta articulada que deve ser inserida no projeto educativo-pastoral, seja para a preparação dos voluntários, seja para o acompanhamento durante o seu serviço, seja para a acolhida e a valorização quando regressarem;*
- levando em consideração os problemas relativos à cessação do serviço e em particular da volta dos que estiverem no estrangeiro:
 - * favoreça encontros periódicos entre eles e com outros jovens e adultos, para a difusão da cultura do voluntariado;
 - * ajude-os a fazer uma releitura crítica de sua experiência e uma nova projeção de sua vida à luz das novidades que encontram em si mesmos e no novo ambiente que os acolhe;
 - * favoreça os contatos com a comunidade junto à qual os voluntários prestaram o serviço, para que fique assegurada a continuidade da experiência” (CG24 126).

2.2.3. “Valorizar a comunicação em todas as suas formas e expressões: comunicação interpessoal e de grupo, produção de mensagens, uso crítico e educativo dos meios de comunicação social” (CG24 129), indicando em nível inspetorial que:

- a) “O Inspetor com o seu Conselho zele e verifique a qualidade da comunicação dentro e fora da Inspetoria, entre os irmãos, com os grupos da FS, com as comunida-

des eclesiais e as instituições civis e sociais, entre os grupos de Inspetorias e com o Conselho Geral.

- b) Salvaguardando tudo o que está previsto pelo CG23, n. 259, o encarregado inspetorial da CS, de acordo com o Inspetor, faça-se promotor de uma equipe, formada por SDB e leigos qualificados, com o escopo de valorizar a CS para a educação e a evangelização dos jovens e das classes populares. A equipe redija um plano inspetorial de animação-formação-assessoria no âmbito da CS, providenciando estruturas e instrumentos adequados” (CG24 136).

2.2.4. “Projetar itinerários de formação qualificada para realizar a missão educativo-pastoral comum” (CG24 139), indicando que:

“Cada Inspetoria, mediante um grupo formado de leigos e SDB, engajados e peritos na formação, na pastoral juvenil, na FS e na comunicação social, reveja e qualifique o Projeto Leigos, solicitado pelo CG23, e o complete, no próximo Capítulo Inspetorial, com um programa de formação SDB-Leigos. Esse programa deve apresentar:

- conteúdos, experiências e tempos dedicados à formação;
- definição dos papéis, das relações e das modalidades de colaboração entre SDB e Leigos;
- coordenação entre os vários setores e estruturas de animação;
- papel e intervenções do Inspetor e dos membros do Conselho Inspe-

torial nas atividades de formação;

- disponibilidade de centros, grupos e estruturas de animação inspetorial.

Os SDB tenham como compromisso específico, além de prioritário e privilegiado, responder positivamente à demanda e ao direito de formação e animação que lhes vem dos leigos da FS, a fim de que estes se tornem, por sua vez, animadores e formadores na família, no seu ambiente de vida e de trabalho, na comunidade eclesial e na sociedade” (CG24 145).

“Cada Inspeção durante o próximo sexênio:

- convida os membros da FS a assumirem responsabilmente o compromisso de uma pastoral vocacional unitária, cuidando do discernimento vocacional e propondo as várias formas de vocação cristã (leiga, ministério ordenado, vida consagrada) e as que são próprias da FS;
- continue o esforço de promoção dos centros dos CCSS e dos Ex-alunos/as. Para tanto devem ser cuidadosamente preparados e formados os Delegados e os Assistentes dos vários Grupos da FS;
- ofereça programas inspetoriais e locais de formação abertos também a ex-alunos/as e outros leigos que, fora dos nossos ambientes, querem viver e trabalhar segundo o espírito de Dom Bosco, providenciando oportunas formas de acompanhamento” (CG24 146).

2.2.5. Atuação da CEP nas presenças salesianas: cf. CG24 169-174.

2.3. Poderia também ser útil examinar o modo como a Inspeção caminha pari passu com a programação do Reitor-Mor e seu Conselho na aplicação das quatro prioridades de animação:

- 1) relações entre SDB e Leigos;
- 2) significatividade das presenças;
- 3) comunidade SDB como núcleo animador;
- 4) qualidade da formação (cf. ACG 358, número especial, p. 14-17).

3. Aprovação dos Capítulos Inspetoriais

As deliberações capitulares tomadas e votadas na conclusão do Capítulo Inspetorial terão força obrigatória após a aprovação do Reitor-Mor com o consenso do seu Conselho (C 170). Será preciso pedir, então, a aprovação do Reitor-Mor para essas deliberações.

Tudo que entra nas competências ordinárias do Inspetor com o seu Conselho pode entrar logo em vigor na Inspeção.

Pede-se que sejam enviados ao Vigário do Reitor-Mor:

- 1) Os atos do Capítulo Inspetorial: uma cópia completa na língua original.
- 2) A tradução em língua italiana das *deliberações* que exijam a aprovação do Reitor-Mor.

Recorda-se, enfim, que as Cons-

tituições e os Regulamentos Gerais indicam algumas normas claras para o procedimento das eleições, a participação e as votações em Capítulo

(cf. C 173-174 e R 161-166.168). Recomenda-se ao Regular do CI que siga essas normas com exatidão e rigor.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

O principal compromisso do Reitor-Mor entre os dias 3 de junho e 25 de julho foi o de presidir as reuniões da sessão plenária do Conselho Geral, cuja crônica é apresentada no n. 4.2 do presente número dos Atos. Assinalam-se alguns outros momentos significativos.

Em 7 de julho, com o P. Pasquale Liberatore, Postulador Geral para as Causas dos Santos, assiste – na Sala Clementina – à leitura do decreto sobre a heroicidade das virtudes do nosso irmão coadjutor, Ven. Artemide Zatti, na presença do Santo Padre (ver o texto do decreto no n. 5.1 do presente número dos ACG).

Em 12 de julho, acompanhado pelo Conselheiro para a Formação, P. Giuseppe Nicolussi, vai à UPS para a posse do novo Reitor Magnífico, P. Michele Pellerey.

No dia 22 de julho, com o P. Pasquale Liberatore, une-se às Irmãs Salesianas Oblatas, em sua Casa Geral de Tívoli, para recordar o 25º aniversário da morte de seu fundador, Dom Giuseppe Cognata. Com elas celebra a Santa Missa, visita a casa e as lembranças de Dom Cognata e participa de um espetáculo comemorativo das atividades da Congregação.

Concluída a sessão plenária, em 27 de julho o Reitor-Mor vai a Santa Fosca in Cadore para um período de

repouso. Encontra-se aí com o Inspetor, os diretores e vários irmãos da Inspetoria “San Zeno” de Verona. Em 5 de agosto vai a Turim-Valdocco, onde à tarde, faz uma conferência e celebra a Eucaristia com os jovens espanhóis do *Campobosco*. No dia seguinte, festa da Transfiguração, está em Contra di Missaglia para a profissão das noviças FMA.

Retornando à Casa Geral para a solenidade da Assunção, deixa novamente Roma em 24 de agosto para participar em Courmayeur do encontro organizado pelo VIS (Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento) sobre “Pobreza e Desenvolvimento”. Abre o encontro com uma relação sobre *Globalização e pobreza* e concede entrevista a várias rádios e TV interessadas no acontecimento.

No dia 27 de agosto visita o Embaixador cubano junto à Santa Sé, em preparação à iminente viagem a Cuba.

Em 30 de agosto participa, no Instituto Sacro Cuore de Roma, à posse do novo Inspetor da Inspetoria Romana, P. Mario Carnevale.

Participa, no dia seguinte – celebrando a Eucaristia – do encerramento do Congresso Mundial das Ex-alunas das FMA, realizado na *Domus pacis* em Roma.

Na quarta-feira, 3 de setembro, o Reitor-Mor parte de Roma direto à Havana, para a esperada visita aos irmãos e às obras salesianas de Cuba.

Durante a estada na ilha tem a possibilidade de visitar as cinco comunidades salesianas: Havana-Compostela, Havana-Víbora, Santa Clara, Camagüey e Santiago de Cuba.

Encontra em cada presença os irmãos, os Cooperadores e os Ex-alunos. Informa-se sobre a consistência de cada grupo, as dificuldades que encontram, e apresenta sugestões e linhas diretivas que possam orientar a Família Salesiana no próprio trabalho. Particularmente: em Havana-Compostela fala aos pós-noviços sobre a importância do momento de formação que estão vivendo; em Santiago de Cuba encontra os aspirantes e os pré-noviços, e conversa com eles de modo familiar.

Acompanhado de alguns salesianos, visita o Arcebispo de Havana, S. Em. o Card. Jaime Ortega, com o qual entretém-se em conversação familiar sobre variados temas: a situação política, social e religiosa em Cuba, as relações entre Igreja e Estado cubano, as relações com os Religiosos e as possibilidades de trabalho apostólico.

Encontra-se também com os bispos auxiliares de Havana, Dom Alfonso Petit e Dom Carlo Baladron, o Bispo de Santiago de Cuba, Dom Pedro Meurice Estiu, o Bispo de Camagüey, Dom Adolfo Rodríguez.

Em Havana visita ainda a Sra. Caridad Diego, encarregada dos negócios religiosos em nível nacional, que manifesta a disponibilidade de ir ao encontro dos pedidos que os Salesianos submetem às autoridades para uma ampliação dos vistos de ingresso

a irmãos não cubanos em vista das necessidades de nossas obras, mas não esconde a concepção cultural e ideológica do partido ao qual pertence e a orientação do governo a respeito.

No último dia da estada em Cuba, na casa de Havana-Compostela, o Reitor-Mor encontra-se com alguns membros do Conselho inspetorial para examinar a situação. Indo depois à casa das FMA em Peñalver-Guanabacoa (Havana), encontra-se com todos os irmãos da ilha. Estão presentes também o Inspetor P. Angel Soto, que acompanhou o Reitor-Mor durante quase toda a viagem, o Delegado Inspetorial, P. Guillermo García, P. Enrico Mellano, P. Pastor Ramírez e o Coad. Leonel Cuesto vindo de Santo Domingo. Manifesta aos presentes as suas impressões sobre a viagem, e expõe as linhas gerais de animação do Conselho Geral para o sexênio.

O Reitor-Mor traz da viagem algumas impressões, que manifestará aos irmãos da Casa Geral, numa "boanoite". Os Salesianos vivem, nas cinco casas, em habitações pobres, mas cuidadas, num contexto social empobrecido. Manifestam entusiasmo pelo trabalho, generosidade, disponibilidade e afabilidade para com as pessoas e jovens, que são muito cordiais e afetuosos para com eles.

O trabalho deles desenvolve-se com bons frutos sobretudo nas paróquias, nas quais dedicam-se intensamente. A pastoral vocacional está dando seus resultados e existem todos os percursos formativos: aspirantes e pré-noviços em Santiago de

Cuba, noviciado em Santo Domingo e pós-noviciado em Havana-Compostela. A Família Salesiana, que colabora na atividade pastoral em todos os lugares, está em crescimento: o grupo de Cooperadores é florescente, especialmente em Santa Clara; os Ex-Alunos estão se organizando.

A religiosidade é muito sentida pelas pessoas, que participam numerosas das funções religiosas. A festa de N. S. de la Caridad, patrona de Cuba, que é celebrada em 8 de setembro, reúne milhares de pessoas nas igrejas para escutar a Santa Missa, para honrar a Virgem com orações, flores e velas, para aproximar-se dos Sacramentos. O Reitor-Mor nessa festa celebrou a Eucaristia na igreja paroquial de Camagüey, repleta de pessoas.

A juventude revela-se disponível ao diálogo e à escuta; e os que freqüentam os ambientes salesianos demonstram-se interessados na evangelização e na catequese. A atividade oratoriana está presente, embora em angustos espaços permitidos pela casa paroquial. Os Salesianos estão progressivamente aumentando o trabalho com os jovens, aproveitando espaços e possibilidades que a situação permite.

A Igreja em Cuba está unida ao redor dos Bispos e isso consente um caminho de evangelização seguro, embora lento, dada a falta de meios, e torna-se um ponto de referência tanto para a população como para as autoridades. A liberdade de ação para o povo e as várias atividades é ainda

reduzida, mas nota-se uma progressiva, embora lenta, abertura em relação às posições de um tempo.

Em 10 de setembro, à noite, o Reitor-Mor partia para Roma.

Deve-se sublinhar, durante o mês de setembro, entre as atividades do Reitor-Mor, antes de tudo, o período intenso de reuniões do Conselho de 12 a 19, presentes todos os Conselheiros dos setores e o Regional da Itália e Médio Oriente, para tratar de alguns temas importantes.

Deve-se também evidenciar a visita que o Reitor-Mor fez ao Colle Don Bosco no domingo 14 de setembro, para a inauguração da "Casa dos Jovens - o garoto do Sonho" situada na assim chamada *scaiota*, antigo curral.

À chegada, com o diretor, P. Enzo Baccini, muitos irmãos, noviços de Lanuvio e de Pinerolo-Monte Oliveto e numerosas FMA, foi acolhido com entusiasmo e animação pelos jovens que freqüentam os Campos durante o verão. Todos ostentam os lenços multicoloridos com a inscrição da festa.

Respondendo à saudação do diretor e cumprimentando os jovens, o Reitor-Mor sublinhou a realização de um sonho da Família Salesiana: *construir no Colle um ambiente onde sejam possíveis momentos fortes de animação para jovens desejosos de empenhar-se a fundo no próprio crescimento espiritual, capazes de ser acompanhantes de seus amigos e companheiros*. Abençoou em seguida os ambientes, observando que é um Centro realmente equipado, arejado e funcional, que oferece a possibilidade de aco-

lher um grande número de jovens, junto aos lugares sagrados para os Salesianos, onde Joãozinho Bosco cresceu, amadureceu a própria opção de vida, sonhou de maneira grande.

O Reitor-Mor responde, no salão teatro para onde vai em seguida, a várias perguntas que os jovens lhe dirigem, sobretudo a respeito dos problemas juvenis, compromissos e características de um animador.

À tarde, no templo superior, preside a Santa Missa durante a qual recebe a profissão perpétua de seis irmãos da Circunscrição Salesiana do Piemonte e Vale d'Aosta. Após a celebração eucarística, visita o templo dedicado a Maria Auxiliadora, restaurado e reposto como novo, e abençoa os presentes. À noite retorna a Roma.

4.2 Crônica do Conselho Geral

Iniciou-se no dia 3 de junho de 1997 a sessão plenária do Conselho Geral, terceira no sexênio, que foi concluída em 25 de julho, depois de 27 reuniões plenárias e um intenso trabalho de grupo ou de comissão para o estudo de diversos temas. Deram-se também durante a sessão outros momentos de empenho do Conselho; em particular, a animação da reunião dos novos Inspetores, que aconteceu na Casa Geral nos dias 6-16 de julho, e a contribuição dada pelos Conselheiros aos encontros de animação, sobretudo os realizados na Casa Geral (como, por exemplo, o encontro de formação permanente de irmãos de língua alemã).

Como sempre, o estudo de temas e problemas maiores que diziam respeito à animação das Inspetorias e a orientação da Congregação foi acompanhado do despacho das práticas ordinárias, como: nomeações de membros dos Conselhos Inspetoriais e aprovação de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (foram feitas no período: 7 novas aberturas, 11 ereções canônicas, 7 encerramentos), práticas sobre irmãos e práticas econômico-administrativas.

Apresenta-se em seguida, a síntese dos assuntos mais relevantes da ordem do dia.

1. Nomeações de Inspetores

Também nesta sessão, embora em número inferior a outras, procedeu-se ao exame das consultas e à sucessiva nomeação de Inspetores, depois de um cuidadoso processo de discernimento, para as Inspetorias em que o Superior concluía o próprio mandato.

Eis o elenco, em ordem alfabética, dos Inspetores nomeados durante a sessão: Carnevale Mario, para a Inspetoria de Roma, Itália; Jara Walter, para a Inspetoria de Córdoba, Argentina; Nguyen Van Ty João para a visitadoria do Vietnã; Ortiz Esteban, para a Inspetoria de Quito, Equador.

Apresentam-se alguns dados de cada Inspetor nomeado no número 5.2 deste número dos ACG.

2. Relações das Visitas Extraordinárias

Uma tarefa que empenhou intensamente o Conselho, também em ter-

mos do tempo dedicado, foi o exame cuidadoso dos relatórios das Visitas Extraordinárias, feitas pelos Conselheiros durante o período janeiro-maio de 1997. Os relatórios, preparados pelos Visitadores, com a apresentação detalhada de todos os aspectos da Inspeção visitada, foram apresentados em Conselho e examinados juntos, fazendo emergir indicações para a vida da própria Inspeção, que vão integrar as já dadas pelo Visitador e oferecendo contribuições para as ulteriores orientações do Reitor-Mor em sua carta conclusiva.

Estas são as Inspeções cujos relatórios de Visita foram estudados: Argentina-Córdoba, Austrália, Grã Bretanha, Itália-Adriática, Itália-Romana, Peru, Polónia-Wroclaw, Portugal (com Moçambique), Espanha-Bilbao, Tailândia.

3. Relatórios informativos de cada Conselheiro

Os Conselheiros de setores (formação, pastoral juvenil, Família Salesiana e comunicação social, missões, economia) como também o Reitor-Mor e o Vigário, apresentaram ao Conselho uma relação da atividade desenvolvida, tanto nas visitas a Inspeções e na participação de encontros nos diversos níveis, como o trabalho na sede, no âmbito de cada Dicastério ou serviço. Igualmente os Conselheiros Regionais apresentaram o relatório das principais atividades desenvolvidas além das Visitas Extraordinárias. Deve-se assinalar o relatório informativo do Regional para a África e Madagascar, que ofereceu um panorama geral da reali-

dade da Região.

A finalidade dos relatórios, além da participação em Conselho, é o de fazer emergir eventuais temas que mereçam um estudo mais aprofundado, a ser feito depois em Conselho, com uma preparação adequada.

4. Algumas decisões de governo

O Conselho estudou, no decurso da sessão, alguns temas particulares a respeito de algumas Inspeções ou grupos de Inspeções, ou ainda da Congregação em seu conjunto, referindo-se tanto a pedidos feitos, como a aspectos contidos na programação do sexênio, aprovada na sessão anterior. Brotaram do estudo feito algumas decisões de governo, que são apresentadas esquematicamente.

4.1 *Consenso sobre a constituição de duas novas Visitadorias africanas*

O Conselho, alinhado com o que foi estabelecido na programação, depois de ter examinado cuidadosamente a consulta feita entre os irmãos das presenças interessadas, deu o consenso para a constituição de *duas novas Visitadorias na África*, que compreendem as presenças de duas áreas, iniciadas e até agora dependentes de diversas Inspeções. As duas Visitadorias são denominadas: *África Francófona Ocidental (AFO)* e *África Equatorial Tropical (ATE)*.

Foi iniciada a consulta entre os irmãos para a nomeação dos respectivos Superiores.

O ato formal de ereção canônica, com as respectivas Convenções, será emitido na próxima sessão plenária.

4.2 Aprovação de uma nova Delegação Inspetorial

O Conselho Geral, considerando o pedido do Inspetor de Madrastra com o seu Conselho, levando em consideração a consulta feita, aprovou a constituição da *Delegação Inspetorial* para o *Tamil Nadu Sul*, com sede em Tiruchirapalli (Tiruchy). A Delegação, no espírito do art. 159 das Constituições, tem a finalidade de favorecer a animação mais próxima e mais continuada dos irmãos e comunidades interessadas, embora continuando a responsabilidade de governo do Inspetor com o seu Conselho. Foi aprovada também a nomeação do Delegado do Inspetor, na pessoa do P. James Theophilus.

4.3 Presenças salesianas em novos países da África

Partindo do exame do dossiê preparado pelo Conselheiro para as Missões, contendo várias propostas de desenvolvimento de nossas presenças na África, particularmente em países onde ainda não estejam presentes, o Conselho deu parecer positivo para o início, no momento e nos tempos que serão definidos, à fundação de uma nova presença na *Namíbia*, onde há tempo somos solicitados. Permanecem em estudo outras possíveis aberturas.

4.4 *Don Bosco Comide International em Bruxelas*

No âmbito da programação do sexênio, onde sublinhava-se a necessidade de ligação com organismos eclesiais e sociais, o Reitor-Mor com o seu Conselho - com referência específica

à presença salesiana na Europa - decidiu apoiar e acompanhar - também através de alguns membros do Conselho como interlocutores - a associação *Don Bosco Comide International (DBCI)*, com sede em Bruxelas. A associação foi fundada em 1994, com a presença de 7 Inspetores da Europa, e os seus estatutos foram aprovados pelo governo da Bélgica em 1995.

Os objetivos propostos são:

1. Fazer a nossa ligação com organismos em nível europeu e mundial para estarmos presentes e deixarmos conhecer e, particularmente, para promover os direitos da educação aos jovens e tornar conhecido o Sistema Preventivo.

2. Criar uma rede operativa entre as Inspetorias da Europa e os Centros de coordenação já existentes (p. ex.: CNOS-Itália; PJ-Espanha; Benedikt-beuern-Alemanha, UPS-Roma etc.).

3. Oferecer informações às Inspetorias e aos Centros sobre os pontos de interesse para entrar em ligação com organismos europeus e mundiais, mantendo as Inspetorias informadas sobre projetos interessantes e úteis para a realização da nossa missão.

4. Ajudar a formulação de projetos e a sua apresentação para a realização de objetivos postos pelas Inspetorias e casas, a fim de poder usufruir dos fundos da Comunidade Européia e de outros fundos.

4.5 *Rendiconto econômico-administrativo*

De acordo com os Regulamentos Gerais, o Conselho Geral - com a apre-

sentação do Ecônomo Geral – examinou e aprovou o rendiconto econômico-financeiro do exercício 1996 e um balanço preventivo de 1997.

5. Outros temas de estudo

Entre os outros temas que foram objeto de estudo por parte do Conselho Geral, nesta sessão, recordam-se particularmente:

5.1 *Temas de programação: Capítulos Inspetoriais 1998 e Visitas de Conjunto*

O Conselho Geral, no âmbito da programação do sexênio, dedicou algum tempo ao estudo de dois acontecimentos importantes:

a) Os *Capítulos Inspetoriais* que – de acordo com os tempos constitucionais – serão celebrados em 1998: em vista deles o Reitor-Mor com o seu Conselho deram algumas indicações, que foram transmitidas aos Inspetores (cf. *Disposições e normas*, n. 3 do presente número dos ACG).

b) As *Visitas de Conjunto*, encontro de comunhão e revisão dos responsáveis de grupos de Inspetorias com o Reitor-Mor, acompanhado por alguns Conselheiros. O Conselho Geral fez uma revisão da eficácia dessas visitas, e fixou datas e temas para os próximos encontros, indicando algumas modalidades de seu desenvolvimento, que serão comunicadas pelos Conselheiros regionais.

5.2 *O Funcionamento das estruturas de governo*

Após as primeiras indicações dadas na sessão plenário anterior (cf. ACG 359) e nas reuniões de Conselho

“intermediárias” de março 1997, continuou-se o estudo desse tema, aplicando o que foi pedido pela orientação do CG24, apresentado no n. 191 dos Atos do Capítulo. Em particular, foram determinados dois passos concretos a serem dados: estudo sobre a identidade carismática de nossas estruturas de governo, como emerge sobretudo dos Capítulos da renovação, e estudo das modalidades para uma revisão “técnica” das mesmas estruturas, com o envolvimento de peritos.

5.3 *O nosso empenho para o ano 2000*

Em vista do grande Jubileu do ano 2000, o Conselho Geral estudou a possibilidade de organizar algum encontro em nível internacional, além, obviamente, do empenho de participação de cada Inspetoria nas iniciativas das Igrejas Particulares. O Conselho teve como significativos alguns encontros particularmente no âmbito da pastoral juvenil (em conexão também com a jornada mundial da juventude convocada para Roma) e da Família Salesiana. As iniciativas serão especificadas posteriormente.

5.4 *Estudo das cartas do Reitor-Mor*

Continuando a metodologia de envolvimento desejada pelo Reitor-Mor, o Conselho dedicou algumas reuniões ao estudo aprofundado de duas cartas circulares do mesmo Reitor-Mor:

a) A carta “*Comoveu-se por eles*” sobre “novas pobreza, missão salesiana, significatividade”, publicada em março de 1997 (ACG 359). O Conselho voltou o estudo para uma

ulterior tomada de consciência colegial, compartilhando os motivos a serem propostos e as linhas a serem recomendadas às Inspetorias, para a plena atuação das orientações da mesma carta.

b) A nova carta “*Por vós eu estudo*”, sobre a preparação dos irmãos e a qualidade do nosso trabalho educativo, publicada neste número dos Atos. A convite do Reitor-Mor, o Conselho deu uma contribuição de reflexão sobre os temas motivadores e sobre as áreas e linhas de atenção e de empenho, que foram traçadas num primeiro esboço.

5.5. A pastoral juvenil salesiana: quadro de referência fundamental

O Conselho Geral examinou, dando a própria contribuição, um documento preparado pelo Conselheiro para a Pastoral Juvenil com o seu Dicastério, onde são recolhidas – num “quadro de referência fundamental” – as linhas da nossa pastoral juvenil, segundo quanto foi amadurecido nestes anos, à luz tanto dos Capítulos Gerais como das reflexões e experiências feitas. É uma espécie de compêndio orientador, assumido com autoridade pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, que é oferecido em primeiro lugar aos delegados de pastoral e às suas equipes.

5.6 Renovação e relançamento do Boletim Salesiano

Com proposta do Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social, em atuação de um dos pontos da programação, foram estudadas as linhas de um projeto para a renovação e o relançamento do Boletim Salesiano no mundo, em suas múltiplas edições. A fim de guiar esse processo de renovação foi nomeado um “Diretor Central”, na pessoa do P. Vito Orlando.

Antes de concluir este relatório informativo, deve-se recordar o momento forte dos *exercícios espirituais*, realizados em Poggio de Rojo, L’Aquila, de 29 de junho a 5 de julho, que o Conselho viveu como um tempo de graça, sob a guia do P. Juan José Bartolomé, da Inspetoria de Madri, que através da “lectio” ajudou cada um e todos juntos a penetrarem a Palavra de Deus, aplicando-a à nossa vida.

Deve-se relevar, enfim, como momento de comunhão e participação, a *reunião conjunta dos dois Conselhos Gerais FMA e SDB*, realizada na manhã de 27 de junho, na casa “Santa Rosa” das FMA em Castelgandolfo. Partindo de um ponto das programações dos dois Conselhos, refletiu-se – antes em grupos de trabalho e depois reunidos em Assembleia – sobre o tema *A qualidade da presença (e das presenças)*, tirando indicações úteis.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Artêmides Zatti

Apresenta-se, em sua tradução portuguesa, o texto do Decreto sobre a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Artêmides Zatti, lido na presença do Santo Padre em 7 de julho de 1997. Em força do Decreto Artêmides Zatti é declarado Venerável. O texto latino encontra-se na edição italiana dos ACG.

CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS
DOS SANTOS VIEDMA
BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO DO
SERVO DE DEUS ARTÊMIDES ZATTI
LEIGO PROFESSOR DA SOCIEDADE DE
SÃO FRANCISCO DE SALES
(1880-1951)

DECRETO SOBRE AS VIRTUDES

«Todos os que tinham doentes de toda espécie trouxeram-nos a ele; e ele impondo as mãos sobre cada um deles, os curava» (Lc 4,40).

Seguindo o exemplo do Divino Pastor, «que passou fazendo o bem e curando todos os que estavam sob o poder do diabo» (At 10,30), Artêmides Zatti teve grande caridade e solicitude para com os doentes e pobres, pelos quais de boa vontade consumou a sua vida.

O Servo de Deus nasceu em 12 de outubro de 1880 na cidade de *Boretto*, situada na diocese de Guastalla, de Luís Zatti e Albina Vecchi, que o criaram com educação cristã. Em 1887 recebeu o sacramento da Crisma e, concluído o tempo dos jogos necessários aos garotos (anos 1886-1889), trabalhou como aprendiz de agricultor junto a uma rica família de agricultores. Nem a pobreza nem o trabalho, que experimentou desde garoto, comprometeram a sua índole viva, aberta e generosa.

Emigrou com os seus para a Argentina, nos inícios de 1897, indo morar na cidade de Bahía Blanca, cujas condições morais e religiosas eram miseráveis. A família Zatti, contudo, permaneceu fiel aos princípios cristãos e continuou a freqüentar a igreja, como costumava fazer na Itália. Artêmides trabalhou, de início numa pensão, depois numa fábrica de tijolos. Entretanto travara amizade com os Salesianos do lugar e em particular com o pároco Carlos Cavalli, que se tornou o seu confessor e diretor espiritual. Quando tinha algum tempo livre do trabalho, o Servo de Deus acompanhava-o nas visitas aos doentes, servia-o como ajudante na celebração da Missa e nas exéquias e, gratuitamente, fazia o serviço de vigia da igreja. Recebida a proposta de encaminhar-se ao sacerdócio, acolheu com entusiasmo o convite e, em 1990, en-

trou na casa dos aspirantes salesianos de *Bernal*, perto de Buenos Aires. Demonstrou logo boa inteligência, forte vontade, espírito de sacrifício, fervor religioso e dócil obediência aos superiores. O novo gênero de vida, o clima, a alimentação para ele não suficiente, os cansaços que enfrentava ativamente e primeiramente o cuidado assíduo que prestava a um jovem sacerdote, afeto de tísica, influíram em sua saúde; por isso tudo contraiu em 1902 a tísica, doença que naqueles tempos era tida como incurável. A fim de curar-se, foi enviado à comunidade salesiana de *Viedma*. Ali prometeu à Bem-aventurada Virgem Maria Auxiliadora que, se ficasse curado, haveria de dedicar-se à assistência aos doentes. Depois de alguns anos, cuidado pelo sacerdote Evaristo Garrone, diretor do hospital local “São José” e do anexo dispensário, sarou perfeitamente e, como tinha prometido, gastou o resto de sua vida em favor dos enfermos. Em 1908, como irmão leigo, emitiu a profissão temporária e em 1911 a perpétua.

Entretanto começou a cuidar do dispensário e do hospital, dos quais foi administrador por mais de trinta anos. Com inteligência, competência e com singular caridade desenvolverá suas tarefas, procurando sempre a glória de Deus e o bem do próximo, e imitando a generosidade do bom Samaritano (cf. *Lc* 10,33-35). Tornou mais idôneas as estruturas do hospital, providenciou a formação profissional dos médicos, prodigalizou-se com todas as suas forças em aliviar

os sofrimentos físicos e morais dos doentes, trabalhando para restituir-lhes a saúde do corpo e da alma, fazendo assim do seu trabalho um contínuo apostolado.

Percorria todos os dias as ruas da cidade em bicicleta para assistir aos doentes em suas casas. Foi também enfermeiro do Colégio São Francisco de Sales (dos Salesianos) e das Filhas de Maria Auxiliadora, como também do cárcere; foi promotor espiritual do Círculo dos Operários Católicos; participava da vida paroquial e diocesana e, mesmo sendo tantos os seus compromissos, estava habitualmente presente aos atos comunitários de sua família religiosa. Sua plena dedicação a Deus e ao próximo resplandia pela fé simples e sólida, e pela imensa e alegre caridade, que testemunhava com a palavra e com o exemplo em qualquer circunstância da vida, e que alimentava com os sacramentos, a oração, a meditação, a devoção fervorosa à Eucaristia e à Bem-aventurada Virgem Maria. Por amor de Deus observava com diligência as leis, os votos religiosos, a Regra; com entusiasmo e com alegria sustentou muitos desconfortos, enfrentou pesadas fadigas e trabalhou eficazmente para a edificação do Reino de Cristo, empregando sapientemente os talentos recebidos do céu. Nutriu grande confiança na Divina Providência; era desapegado dos bens terrenos e difundia alegria, paz, esperança. Foi um homem justo, temperante, prudente e forte na fidelidade à sua consagração e à tarefa que lhe fora confiada pelos superiores. Em 1941, viu

com grande dor a demolição do hospital que, por tantos anos, fora o campo do seu apostolado, para dar lugar à construção da residência episcopal e da cúria diocesana.

Pensou então na transferência dos doentes à sede da escola agrícola de Santo Isidoro e, embora com dificuldades econômicas, pôde continuar prontamente a sua obra. A partir de 1947 não foi mais o administrador do hospital.

Em julho de 1950 caiu das escadas. Foi-lhe ordenado o repouso; e ele o aceitou em espírito de obediência. Não recuperou, porém, as forças e, no mês seguinte de novembro, manifestaram-se sinais de um câncer. Suportou dores agudas com serenidade, paciência e fortaleza. Adormentou-se santamente no Senhor em 15 de março de 1951, já resplendente pela ampla fama de santidade, que se revelou de forma extraordinária nas exéquias, das quais participaram muito povo e numerosas autoridades religiosas e civis.

A fama consolidou-se e cresceu com o passar dos anos; por isso o Bispo de Viedma, com a permissão da Santa Sé, segundo as normas do M. P. *Sanctitatis Clarior*, introduziu a Causa de beatificação e canonização e celebrou o processo cognitivo (anos 1980-1982), que foi aprovado pela Congregação para as Causas dos Santos com decreto promulgado em 14 de dezembro de 1984. Preparada a *Positio*, indagou-se – como de costume – sobre o exercício das virtudes em modo heróico

por parte do Servo de Deus. Em 25 de outubro de 1996 teve lugar, com êxito positivo, o especial Congresso dos Consultores Teólogos. Sucessivamente os Padres Cardeais e Bispos, na sessão ordinária de 8 de abril de 1997, sendo Ponente da Causa o Eminentíssimo Cardeal Giovanni Canestri, afirmaram que Artêmidés Zatti exerceu em grau heróico as virtudes teológicas, cardeais e as que lhe são conexas.

Feita em seguida pelo abaixo-assinado Pró-Prefeito uma diligente relação de tudo ao Sumo Pontífice João Paulo II, em 27 de junho do mesmo ano, Sua Santidade, acolhendo e aprovando os votos da Congregação para as Causas dos Santos, dispôs que se preparasse o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Feito tudo no devido modo, reunidos hoje à sua presença o abaixo-assinado Pró-Prefeito, o Cardeal Ponente da Causa e eu Bispo Secretário da Congregação e os demais que normalmente são convocados, o Beatíssimo Padre declarou solenemente, à sua presença, que: *Consta que as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade tanto para com Deus como para com o próximo, as virtudes cardeais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e as virtudes anexas, foram praticadas em grau heróico pelo Servo de Deus Artêmidés Zatti, Leigo professor da Sociedade de São Francisco de Sales, "in casu et ad effectum de quo agitur"*.

O Sumo Pontífice dispôs, então, que o presente decreto fosse publicado e transcrito nos atos da Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma, em 7 de julho de 1997 A.D.

✽ ALBERTO BOVONE

*Arceb. Tit. de Cesaréia da Numídia
Pró-Prefeito*

✽ EDUARDO NOWAK

*Arceb. Tit. de Luni
Secretário*

5.2 Aprovação do Regulamento renovado da ADMA

Apresenta-se a carta do Reitor-Mor, P. Juan E. Vecchi, com que comunica ao Presidente da "Primária" da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) em Turim, a aprovação do Regulamento da ADMA, renovado com a contribuição dos grupos da mesma Associação.

97/1454

Roma, 22 de agosto de 1997

Sr. Claudio Priante
Presidente da Associação Primária
ADMA
Turim

Gentilíssimo Sr. Claudio Priante,

Dirijo-me diretamente ao senhor, na qualidade de Presidente, querendo com isso reconhecer de maneira explícita que a Associação é laical e, portanto, confiada ao empenho dos

seus responsáveis, e considerando que o novo Regulamento reconhece à Primária um particular papel pela história que lhe diz respeito e pelo lugar em que vive e trabalha.

Desejo congratular-me com a Associação inteira pelo ótimo trabalho realizado em Sevilha, durante a revisão do Regulamento. Também empenhei o Conselho Geral em ajudar-me a tornar o texto mais expressivo e mais completo. Isso explica as alterações, poucas na verdade, em relação ao texto que chegou para exame. Retorna agora, definitivamente, às vossas mãos para que sustente a vida dos membros no caminho de devoção a Maria, a Auxiliadora de Dom Bosco.

Não vos repito as indicações já oferecidas pelo P. Egídio Viganò e que quisestes que fosse anexada ao presente Regulamento. Conservai os ensinamentos recebidos até o momento. Ajudai as pessoas simples do povo a viverem uma autêntica devoção a Maria, como Dom Bosco sempre pediu àqueles que partilhavam com ele do trabalho educativo e catequético em Valdocco.

De minha parte acrescento só uma orientação: viver e trabalhar na Família Salesiana de Dom Bosco comporta buscar algumas convergências operativas muito significativas para a experiência salesiana. A referência aos jovens, e particularmente aos jovens que vivem com dificuldade a adolescência e a juventude (por muitos motivos relacionados ao contexto pessoal interior, ou territorial exterior), é sempre importante e para todos. É certamente

um fato positivo que a ADMA tenha uma atenção pelos jovens necessitados dos ambientes em que a Associação vive e se desenvolve.

A atenção da ADMA, porém, não se traduz necessariamente em organização juvenil paralela, em relação a quanto já existe para o trabalho do grupo dos Salesianos e do grupo das Filhas de Maria Auxiliadora, que em geral trabalham com um empenhativo projeto de pastoral juvenil.

Antes, a ADMA deve sentir-se feliz em fazer com que os jovens, de qualquer categoria, façam o caminho completo de crescimento humano e de educação à fé, e colaborem em dar vida ao MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO.

Noto, das notícias que recebo, o quanto a Associação esteja crescendo em número e em qualidade. Enquanto agradeço vivamente ao Senhor, confio à Primária de Turim a tarefa de ajudá-la a assumir a responsabilidade do próprio desenvolvimento. Ao animador ou animadora deve ser pedido o empenho e o estímulo para progredir na espiritualidade salesiana e no espírito de Dom Bosco. O Regulamento revisto oferece para isso muito conteúdos, simples mas ao mesmo tempo indicadores de uma resposta cristã ao dom do Senhor.

Caminhai com confiança, entregando-vos a Maria e conhecereis o que são os milagres, repetia Dom Bosco. Apresento-vos de novo essa expressão do nosso Pai. Os milagres que interessam o coração do homem não acabaram, e hoje temos todos neces-

sidade de renovar o nosso coração.

Peço, de minha parte, à Auxiliadora de Dom Bosco uma especial ajuda para cada um de vós. Estenda a minha saudação e a garantia da minha oração a todos os responsáveis da Primária.

P. Juan E. Vecchi

5.3 Novos Inspetores

Apresentam-se alguns dados a respeito dos novos Inspetores Salesianos, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de junho-julho de 1997.

1. CARNEVALE Mario, Inspetor da Inspetoria Romana (Itália)

Padre Mario CARNEVALE sucede ao P. Gian Luigi Pussini como guia da Inspetoria “São Pedro” de Roma.

Ele nasceu em Pico, província de Frosinone, em 20 de fevereiro de 1936, e é salesiano desde 16 de agosto de 1955, quando emitiu a primeira profissão em Lanuvio ao final do ano de Noviciado. Professo perpétuo em 1961, foi ordenado presbítero em sua cidade natal no dia 21 de dezembro de 1968 após os estudos teológicos feitos em Messina. Completou os estudos também no campo civil, conseguindo a láurea em Física, com habilitação para o ensino.

Seguiram-se anos de trabalho educativo e pastoral, sobretudo na escola. Em 1981 os Superiores confiaram-lhe a guia da comunidade de Cagliari “Dom Bosco”, como Diretor. Foi nomeado, ao mesmo tempo, membro do

Conselho Insuperiorial. Em 1984 foi-lhe confiado o encargo de Vigário do Superior da Visitadoria da Sardenha. Foi chamado a Roma em 1987 com a tarefa de Secretário Geral da FIDAE (Federação dos Institutos dependentes da Autoridade Eclesiástica), que exerceu por um triênio, até 1990. Destinado à comunidade do Pio XI em Roma, em 1991 foi nomeado seu Diretor. Aqui chegou-lhe a nomeação para Insuperior.

2. *JARA Walter, Insuperior de Córdoba (Argentina)*

Para suceder o P. Víctor Bocalón, como Insuperior de Córdoba (Argentina), foi chamado o padre *Walter JARA*.

Nascido no dia 23 de agosto de 1956 em San Rafael, província de Mendoza (Argentina), emitiu a primeira profissão em 31 de janeiro de 1976, à qual seguiram-se os estudos filosóficos e o tirocínio prático. Professor perpétuo em 1982, frequentou o curso teológico no estudantado salesiano de Córdoba, e foi ordenado padre em 30 de dezembro de 1984 em San Rafael. No campo civil conseguiu o título de professor.

Destinado à comunidade do aspirantado "Domingos Sávio" de Córdoba, em 1987 foi nomeado seu Diretor e, em 1989 foi inserido como Conselheiro no Conselho Insuperiorial. Em 1991 os Superiores confiaram-lhe o encargo de Vigário do Insuperior. Agora foi eleito para guiar a Insuperioria.

3. *NGUYEN VAN TY João, Superior da Visitadoria do Vietnã*

Padre *João NGUYEN VAN TY* foi nomeado Superior da Visitadoria Salesiana do Vietnã, à conclusão do sexênio do Padre Pedro Nguyen Van De.

Nascido em 23 de outubro de 1944 em Ha Dang, diocese de Hanói, o P. Ty emitiu a primeira profissão em 22-08-1961 em Thu Duc, onde fizera o noviciado. Professor perpétuo em 1967, estudou teologia em Roma-UPS e foi ordenado presbítero na basílica de Maria Auxiliadora de Turim no dia 3 de abril de 1971.

Retornando ao Vietnã, em 1974 foi nomeado Diretor da Casa de Saigon-Go Vap e pouco depois Vigário do Delegado do Reitor-Mor (naquele ano o Vietnã fora constituído como Delegação). Em 1975 o Reitor-Mor nomeou-o Delegado, tornando-se, então, Superior quando a Delegação foi erigida em Visitadoria. Foram os anos difíceis do quase total fechamento do Vietnã.

Em 1991, concluído o período de Superior, foi-lhe confiado o encargo de Mestre dos noviços, em Ba Thon (de onde foi também Diretor por um triênio). Agora o Reitor-Mor com o seu Conselho chamou-o novamente à guia da Visitadoria.

4. *ORTIZ Esteban, Insuperior de Quito (Equador)*

Padre *Esteban ORTIZ GONZALES* sucede ao Padre Luis Sánchez Armijos à guia da Insuperioria Salesiana do Equador.

Ele nasceu em Guayaquil (Equador) em 6 de janeiro de 1946 e é salesiano desde 16 de agosto de 1964, quando emitiu a primeira profissão em Cayambe. Feitos os estudos filosóficos-pedagógicos e o tirocínio prático, frequentou o curso teológico em Quito, onde foi ordenado presbítero em 7 de junho de 1975. Completou os estudos, conseguindo a licença em Pedagogia.

Diretor da casa de Machala de 1982 a 1987, em 1984 foi nomeado também Conselheiro Inspecorial, encargo que manteve até 1992. Foi por um ano (1991-92) encarregado da pastoral juvenil inspecorial e de 1991 a 1995 responsável do Boletim Salesiano do Equador. Desde 1992 era também Diretor da casa “São Domingos Sávio” de Guayaquil.

5.4 Novo Bispo Salesiano

*Dom BREDÁ Valério,
Bispo de Penedo (Brasil)*

Em 31 de julho de 1997, o *Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação do sacerdote salesiano Valério BREDÁ, Inspetor da Inspetoria Salesiana de Recife, como Bispo da Diocese de PENEDO, no Brasil.

Nascido em San Fior di Sotto, pro-

víncia de Treviso (Itália), no dia 24 de janeiro de 1945, Valério Breda; depois de frequentar o aspirantado salesiano de Trento, pediu para ser admitido ao noviciado, feito na casa de Albaré, emitindo a primeira profissão em 16 de agosto de 1962 na Inspetoria de Verona.

Fez, nessa Inspetoria, os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio. Frequentou em seguida o curso teológico no Pontifício Ateneu Salesiano de Roma, conseguindo a licença em Teologia.

Ordenado padre no dia 29 de junho de 1973 em San Fior di Sotto, sua cidade natal, empenhou-se logo no campo educativo e pastoral. Quando a Inspetoria de Verona iniciou um projeto de colaboração, sob a forma de “gemellaggio”, com a Inspetoria de Recife, Brasil, o P. Valério ofereceu a sua disponibilidade, partindo para o Nordeste do Brasil. Aqui ele foi um dos que iniciaram a obra salesiana em Matriz de Camaragibe, diocese de Maceió, Alagoas, de onde foi pároco e desde 1987 também diretor.

Em 1993 o Reitor-Mor com o seu Conselho tinha-o nomeado Inspetor da Inspetoria de Recife. Agora, após três anos, a nomeação para Bispo.

5.5. Irmãos falecidos (1997 - 3ª lista)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const. 94*).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP
L ALBERTIN Gino	Bolzano 29.06.97	80	IVO
E AMOROSO Domenico	Trapani 18.08.97	69	-
<i>Foi por 7 anos Bispo Auxiliar de Messina e por 9 anos Bispo de Trapani</i>			
P ANDERLINI Roberto	Civitanova Marche 22.07.97	79	IAD
P ANTELO Adolfo	Montevideú 30.08.97	48	URU
P BAGGIO Paolo	Pordenone 11.08.97	79	IVE
L BERNINI Giovanni	Roma 06.08.97	82	IRO
P BLACKBURN Michael	Farnborough 11.07.97	66	GBR
P BUOSO Amelio	Veneza 11.07.97	80	IVE
P CAIS Demetrio	Siakago (Kenya) 31.08.97	63	AFE
P CALIMANCARNIELLI Leandro	Goiânia 28.06.97	70	BBH
P CHACÓN José	Guatemala 07.09.97	67	CAM
P COOP Bernard	Bootle 03.10.97	72	GBR
P DEL MONACO José	Lorena 01.07.97	82	BSP
L DEL SASTRE Manuel	San Isidro 23.09.97	82	ABA
P DELBART Jacques	Wavre 07.08.97	62	BES
P DUFAUD Pierre	Toulon 02.08.97	77	FLY
P DUGALLIEZ Alphonse	Lovânia (Bélgica) 28.09.97	73	AFC
P FRANCHINI Adolfo	Chiari (BS) 26.07.97	83	ILE
P GARCIA ROSAS Andrés	Sevilha 03.08.97	76	SSE
P GIRAUDO Giovanni	San Salvador 09.08.97	74	CAM
P GNIEDZIEJKO Jan	Lódz 02.09.97	64	PLE
P GRADZIK Roman	Wroclaw 23.08.97	54	PLO
P HALLIDAY Denis John	Melbourne 26.07.97	51	AUL
P JALONGO Pasquale	Turim 06.10.97	72	BMA
L KALLUKALAM Mathew	Yellagiri Hills 23.08.97	74	INM

80 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP
L KEEGAN Thomas	Los Angeles	01.07.97	78 SUO
P KOTTUPALLIL George	Shillong	07.07.97	50 ING
P KRAJCOVIC Stefan	Ravena	04.01.97	85 IAD
P LANSHEER Henk	Leidschendam	10.09.97	60 OLA
P LOVA Natale	Guayaquil	21.07.97	86 ECU
P MAK Aloysius Shuet-kwong	Hong Kong	15.09.97	72 CIN
L MANCINI Angelo	Scanno (AQ)	05.08.97	73 IRO
P MANGION Joseph	B'Kara (Malta)	26.07.97	76 IRL
P MARIN Egidio	Agordo (BL)	18.07.97	32 IVE
P MAXIA Emilio	Cagliari	14.08.97	79 ISA
P MENESTRINA José	Bahía Blanca	24.06.97	87 ABB
L MILIS Louis	Haacht	05.07.97	78 BEN
P PERICOLOSI Silvino	Verona	14.07.97	76 IVO
L PIRES Francisco	Lisboa	24.07.97	79 POR
P POLATTI Giovanni	Montechiarugolo (PR)	31.08.97	79 ILE
P POLLONINI Carlo	Varese	05.09.97	75 ILE
P PUYOL MEMBRADO Manuel	Barcelona	29.08.97	64 SBA
P RAMOS MARTIN José	Sevilha	25.07.97	77 SSE
P REUMERS Jozef	Hoboken	12.08.97	83 BEN
P SAN MILLÁN Cipriano	Vigo	20.08.97	83 SLE
P SANTÀ Gabriele	Milão	28.08.97	72 ILE
P SICILIANO Giuseppe	Pedara (CT)	18.09.97	78 ISI
P SKULTÉTI Demjén	Budapest	01.09.97	79 UNG
P SOURNARAJ Lazar	Chennai (Madras)	18.09.97	81 INM
P STASIAK Józef	Lubin	28.07.97	54 PLO
P TÓTH János	Budapest	27.08.97	84 UNG
P VAN AGT Jacques	Pontoise	01.07.97	73 FPA
P VILLANI Domenico	Roma	29.08.97	83 IRO
P WAGNER Franc	Panamá	30.07.97	85 CAM